

MINIS/ÉRIO

Uma Revista Para Pastores e Obreiros



UNGINDO COM ÓLEO

CASA PUBLICADORA BARRALLEIRA
- BIBLIOTECA -

DE CORAÇÃO A CORAÇÃO

No altar do sacrifício

Dois colegas foram assassinados no posto do dever, em pleno cumprimento da missão de pregar o evangelho. O primeiro deles, Gilsemberg Araújo, brasileiro, evangelista, missionário a serviço da União do Sahel, na Divisão África Oceano Índico, faleceu em Lome, capital do Togo, nas mãos de revolucionários políticos daquele país. O segundo, José Tapia, pastor distrital, morreu atingido por uma bala assassina na cidade de Tocacha, no interior do Peru. Ambos entregaram suas vidas como ofertas a Deus, no altar do sacrifício.

Sacrifício é uma palavra fácil de ser pregada. Difícil de ser vivida. Sacrifício envolve renúncia, entrega completa, sem reservas, sem retaliações. Nós, seres humanos, dificilmente estamos dispostos a atingir o limite do sacrifício, porque isso muitas vezes significa dor; e a dor é um elemento indesejável na experiência humana.

Acontece que Deus provou Seu amor para conosco, oferecendo Seu próprio Filho, num sacrifício ímpar. Diz a Bíblia: "Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o Seu Filho unigênito, para que todo o que nEle crê não pereça, mas tenha a vida eterna." (João 3:16). Não raro, nos surpreendemos a nós mesmos pensando em Deus, o Pai, como a justiça; e Deus, o Filho, como o amor. Afinal, quem sofria mais: o Filho que consentia em entregar a própria vida, ou o Pai que entregava "Seu Filho unigênito", porque simplesmente não havia outra maneira de salvar o homem?

Deus chegou ao extremo do sacrifício porque essa atitude representava a expressão máxima do amor e da abnegação.

Um dia, Deus pediu a Abraão um bem preciosíssimo, seu filho Isaque, que deveria ser oferecido em sacrifício. Além da lição de fé e comunhão a ser deixada para a posteridade, o Senhor desejava desenvolver no conhecido patriarca o Seu caráter divino. Assim como a doação do Seu Filho, para a salvação do ser humano, evidencia a grandeza do Seu caráter amoroso, a disposição do homem em dar-Lhe a vida, mesmo envolvendo sacrifício, mostra que ele está crescendo na busca da semelhança com o caráter de Deus.

Ainda hoje, tal como desejava em relação a Abraão, o Senhor anela desenvolver em nós o Seu caráter. Deseja que cada dia nos tornemos mais semelhantes a Ele.

Pregar a respeito do amor é pregar do sacrifício. Promover o amor é promover o sacrifício. Não como compensação por algo, nem como condição para obter algo. Mas como fruto do amor de Jesus que impulsiona nossa vida e nosso ser, e motiva nossos atos. "Pois o amor de Cristo nos constringe..." (II Cor. 5:14).

Faremos bem em manter diante de nossas igrejas a excelência do amor de Deus. Deveríamos estar diligentemente empenhados em impressionar nossos irmãos a respeito do quanto Ele foi capaz de realizar por nós. Através dos sermões apresentados, dos estudos bíblicos e aconselhamento, deveríamos manter bem vívida a infinitude desse amor, bem como a maravilha do sacrifício que o tornou conhecido diante do mundo necessitado.

Quando, utilizados pelo Espírito Santo, conseguirmos imprimir em corações e mentes a realidade bendita desses fatos, vamos nos surpreender com a resposta do povo às necessidades e aos requerimentos da Igreja. Vidas, talentos e recursos materiais serão colocados no altar divino, para serem utilizados como precioso investimento na missão evangelizadora. Membros fiéis e consagrados a Deus, crescendo na graça e no conhecimento. Leais aos princípios de vida enunciados nas Escrituras Sagradas.

Sejam, pois, nossas igrejas ensinadas a amar. Aprendam elas, através do nosso ministério, que o sacrifício revela o amor que existe no coração. — *Alejandro Bullón.*

MINISTÉRIO

Uma Revista Para Pastores e Obreros

Ano 64 – Número 9 – Jul./Ago. 1994 – Periódico Bimestral
Uma Publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia

DE CORAÇÃO A CORAÇÃO

2 NO ALTAR DO SACRIFÍCIO
Alejandro Bullón

4 CARTAS

5 ENTREVISTA

ARTIGOS

9 QUANDO A PALAVRA DE DEUS SAI VAZIA
Oscar A. Hernandez

12 UNGINDO COM ÓLEO
Horne P. Silva

16 CEM ANOS SE PASSARAM
Robert G. Wearner

20 NO PRINCÍPIO, DEUS
Gilead dos Reis Bergamnn

23 EDUCAÇÃO ENVENENADA
Elizeu C. Lira

AFAM

25 A ESPOSA DO PASTOR E O MINISTÉRIO DA MULHER
Vasti S. Viana

PASTOR

27 APROVEITE O MÁXIMO DE SEU TEMPO
James A. Cress

30 EXPECTATIVAS DE UM PASTOR ASPIRANTE
Brian W. Dudar

Diretor Geral: Carlos Magalhães Borda; **Redator-Chefe:** Rubens S. Lessa; **Redator responsável:** Zinaldo A. Santos; **Diretor de Arte:** Erlo Köhler; **Diagramação:** Josias Silva; **Colaboradores Especiais:** Alejandro Bullón; José M. Viana; **Colaboradores:** Antônio Moreira; Mário Valente; Jefé Carvalho, Moisés Batista de Souza.

Capa: William de Moraes

Todo artigo ou correspondência para a Revista **MINISTÉRIO** deve ser enviado para o seguinte endereço: Caixa Postal 12-2600 – 70279-970 — Brasília, DF.

CASA PUBLICADORA BRASILEIRA

Rodovia SP 127 – km 106 – 18270-000 – Tatuf, SP.

2167

CARTAS

ESPIRITUALIZAR A OBRA

"O objetivo destas linhas é relembrar o editorial intitulado As pessoas valem muito mais, da edição de janeiro-fevereiro deste ano. Parece-me que uma inquietude vem crescendo entre os obreiros do Senhor. Percebe-se isso nos concílios, reuniões e vários encontros pastorais, onde os pastores trocam idéias e abrem o coração uns aos outros, dizendo estarem cansados de ouvir a velha e batida pergunta: 'Como vai o alvo de batismo?' Aliás, quase sempre é a primeira e principal pergunta.

Creio que quando diminuirmos a pilha de regulamentos, votos, estratégias e alvos, e espiritualizarmos mais a Obra do Senhor, em todas as áreas, inclusive a obra pastoral, o resultado em batismos será bem maior.

Aproveito também para parabenizar o novo coração e o novo rosto da revista MINISTÉRIO." – Érico T. Xavier, pastor distrital de Carazinho, RS.

ARTIGOS EXCELENTES

"Parabéns pelo excelente número da revista MINISTÉRIO - março/abril. Os artigos vieram com idéias profundas e de vasto alcance espiritual, com destaque para "Cuidado, aqui mora o perigo" e "As causas da morte de Cristo".

"Que Deus ilumine sempre os líderes da Associação Ministerial da Divisão Sul-Americana." – Ronaldi Neves Batista, diretor DMI da União Este-Brasileira.

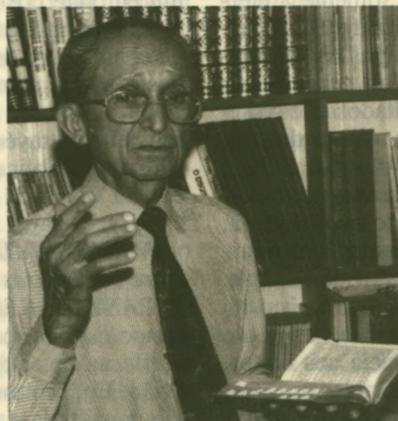
O rebanho está com fome

O Pastor Sesóstris César Souza nasceu no sertão do Ceará, em 1915, e aceitou a mensagem adventista aos 20 anos, quando era gerente de um cinema no Rio de Janeiro. Foi batizado no dia 6 de outubro de 1936, indo, no ano seguinte, colportar na cidade de Belém, PA, onde conseguiu seu primeiro estipêndio para dar início aos estudos no antigo Colégio Adventista Brasileiro, hoje IAE.

Formou-se em Teologia no ano de 1942 e foi atuar como missionário no Amazonas, durante a Segunda Guerra Mundial. Trabalhou em Manaus, Belém do Pará e São Luís do Maranhão, de onde foi chamado para o IPAE, como professor de português e latim. Posteriormente, foi pastor em Recife, Passo Fundo, Porto Alegre, Curitiba, São Paulo, Belo Horizonte e Rio de Janeiro.

O Pastor Sesóstris também trabalhou como preceptor, diretor do IACS, departamental J.A., de Educação, e também de Comunicação. Seu último local de trabalho foi a igreja de Botafogo, no Rio de Janeiro, onde se aposentou em 1976. Casado com a irmã Lily Souza, possui duas filhas – a Professora Rute, casada com o Dr. Natanael Costa, e a Professora Irenilda, casada com o Professor Eliseu Menegusso – e cinco netos. Reside em Hortolândia, SP, onde falou à revista MINISTÉRIO.

MINISTÉRIO: Poderia dizer o momento e em que circunstâncias se sentiu chamado para o trabalho pastoral?



PASTOR SESÓSTRIS: Bem, isso foi resultado de uma série de fatores conjugados. Logo após minha conversão, eu me senti bastante inspirado a dedicar-me à Causa de Deus. Fui colportar em Belém e, no final de um período de trabalho, o tesoureiro do Campo, Pastor Jorge Lobo, incentivou-me bastante a ir para o colégio adventista. Também contribuí, e muito, o Pastor Moysés Nigri, quando era um jovem estudante. Eu estava entrando na Igreja Central do Rio de Janeiro, quando vi aquele jovem casal, ele e sua irmã. Perguntei quem eram e me disseram que eram estudantes do colégio. Fiquei impressionado pela vida deles, a atividade na igreja, e isso me despertou a idéia de também estudar no colégio.

MINISTÉRIO: De todas as funções que ocupou na Obra adventista, qual a que lhe deu mais satisfação?

PASTOR SESÓSTRIS: Na realidade, não é muito fácil definir. Acima de tudo eu sou um pastor. Atuei como departamental, distrital e professor. Mas a satisfação sentida no ministério pastoral e no magistério foi imensa.

MINISTÉRIO: O senhor iniciou seu trabalho durante a Segunda Guerra Mundial. Como foi a experiência de trabalhar em tempo de guerra?

PASTOR SESÓSTRIS: Realmente foi

um fato marcante. Mas era muito difícil. Eu estava no Amazonas e era uma época em que não havia nada, não tinha comida a não ser produtos da própria região. Muitas vezes os navios e aviões não conseguiam chegar até lá porque eram torpedeados. Aquele tempo de guerra era muito difícil. Tínhamos que viajar de navio à noite, com as luzes apagadas, com medo de torpedos. Esse foi um tempo de impacto para mim.

MINISTÉRIO: *Segundo o seu modo de ver, o que é um pastor de sucesso?*

PASTOR SESÓSTRIS: Somente a eternidade pode avaliar o verdadeiro êxito pastoral. Nossos critérios humanos são limitados. O Senhor é quem vê os verdadeiros motivos. Há, inclusive, resultados que só serão revelados no Céu. Mas, diante daquilo que é possível ver, se um pastor trabalha em comunhão com Cristo, conscientemente, ganhando almas e conservando-as na igreja, através de um trabalho de visitação e nutrição espiritual, esse é um pastor de sucesso. O resultado de sua dedicação será visto no envolvimento missionário da irmandade, no aumento de dízimos, frequência aos cultos, expansão evangelística, etc. Galgar posições não é sinônimo de sucesso pastoral. Em algumas delas, o obreiro até encontra sua sepultura intelectual.

MINISTÉRIO: *O senhor aceitou todos os chamados que lhe foram feitos?*

PASTOR SESÓSTRIS: Deixei de aceitar apenas um chamado. Não me lembro bem o porquê, mas depois, confesso que não me senti bem. Creio que, em tese, o obreiro deve aceitar os chamados que lhe chegam às mãos. Naturalmente, ele deve orar e buscar a evidência da vontade divina nesse sentido. Pode haver casos paradoxais como, por exemplo, um pastor de igreja ser chamado para lecionar Matemática não se sentindo um especialista na matéria. Mas a decisão deve ser tomada mediante fervorosa oração. Conheço muitos exemplos de obreiros que não aceitaram algum chamado e, posteriormente, não foram felizes. Mas essa é uma opinião particular.

MINISTÉRIO: *Como o senhor vê o púlpito adventista na atualidade?*

PASTOR SESÓSTRIS: Para ser sincero, eu até me sinto constrangido ao falar desse assunto. Mas acho que muitas igrejas (não

todas, evidentemente) estão sendo alimentadas com palha. O intelectualismo excessivo e uma programação departamentalizada são os responsáveis por isso. Muitos sermões são verdadeiras peças teológicas, mas as crianças, os adolescentes, alguns jovens e irmãos simples não entendem nada. Ou então aproveita-se o sábado para promoção desse ou daquele departamento. A igreja não é alimentada. Não são pregados os grandes temas da Bíblia. Tenho saudade do tempo em que eu tremia de emoção, a igreja vibrava, ouvindo sobre esses temas. Claro, tudo deve ter um enfoque cristocêntrico. Pastor, o púlpito é, numa linguagem simples, um cocho onde o rebanho vai comer e beber. Ele deve ser posto também ao alcance dos cordeirinhos. Todo o rebanho deve ter suas necessidades satisfeitas através de uma mensagem essencialmente bíblica. A igreja está faminta do Pão da Vida e da Água da Vida.

MINISTÉRIO: *Há diferenças marcantes entre os obreiros de ontem e os de hoje?*

PASTOR SESÓSTRIS: Bem, naquele tempo os obreiros saíam do colégio, de trem ou de navio. Hoje, eles saem de carro, de avião. Eu, por exemplo, quando saí do colégio, levei toda a minha bagagem numa mala (e a minha esposa ainda diz que eu coloquei um travesseiro dentro para acabar de encher). As condições eram bem diferentes das que temos hoje.

Naquele época, não havia casa para morar e nem carro; era muito difícil a vida dos primeiros obreiros. Hoje, as condições de vida são muito mais avançadas, mais sofisticadas. Naquele tempo, a gente não tinha o preparo, aquela luz que se tem hoje. Para fazer evangelismo, não tínhamos projetores, filmes, videocassete, nem material para as crianças; tudo era muito primitivo. Hoje é mais fácil evangelizar.

MINISTÉRIO: *Como obreiro jubilado, o senhor se considera devidamente assistido pela Associação Ministerial?*

PASTOR SESÓSTRIS: De um modo geral, sim. Mas nunca veio alguém de nenhum nível da Organização fazer-me uma visita pastoral. Acho que um representante da Associação Ministerial deveria visitar os obreiros aposentados. Alguns estão doentes, outros sentem falta daquele convívio ministerial. Faz bem sentir que alguém ainda se preocupa conosco.

MINISTÉRIO: *Para algumas pessoas, a aposentadoria é incômoda. Sentem-se relegadas ao ostracismo, ou algo semelhante. Qual seu sentimento em relação a isso?*

PASTOR SESÓSTRIS: A aposentadoria não significou o fim do trabalho para mim. Continuo participando nas atividades da igreja, pregando, dirigindo semanas de oração, oficiando casamentos, etc. Em maio, realizei uma abençoada Semana de Oração no Centro Educacional Tancredo Neves, em São João Del Rei, MG, um internato da *Golden Cross*. Durante cada noite, um aluno tomava a decisão de aceitar a Cristo. Batizei sete alunos no último dia. Oito atenderam ao apelo e se preparam para um próximo batismo. Não parei. Nem estou insatisfeito.

MINISTÉRIO: *O senhor gosta de trabalhar com crianças. Qual o segredo para alcançá-las?*

PASTOR SESÓSTRIS: Quando estou na igreja, vejo dezenas de crianças dormindo na hora do sermão. Às vezes os pastores colocam o cocho tão alto que os cordeiros do rebanho não o alcançam. As crianças não entendem os sermões intelectuais, eruditos; ou aqueles que só trazem promoção departamental. Nem sempre os pregadores têm “pão” para as crianças. Então, ficam muitas delas “morrendo de fome” na igreja, criando problemas, dormindo ou se mexendo, inquietas. Há anos que venho trabalhando com as crianças, pregando para elas, realizando semanas de oração, tudo de maneira simples, ao nível delas. Tudo isso porque acho que, se as crianças de hoje não forem bem alimentadas, quando atingirem a adolescência, acabarão deixando a igreja.

MINISTÉRIO: *Quais os resultados desse trabalho?*

PASTOR SESÓSTRIS: Atualmente eu cuido dos lares infantis mantidos pela *Golden Cross*. São quase vinte lares, com mais de 400 crianças, espalhados pelo Brasil. Elas entram nesses lares, aos 16 anos vão para o colégio como semi-bolsistas, cursam o primeiro e segundo grau e ingressam numa faculdade qualquer. Tenho 98 meninas em faculdades e internatos adventistas. Várias estão fazendo cursos de pós-graduação, algumas até já se formaram, duas trabalham no Exterior, outras conseguiram bons casamentos. Esta é a minha alegria: receber crianças saídas do nada, carentes, oriundas de lares

desmantelados, órfãs, e prepará-las para a vida.

MINISTÉRIO: *O senhor se sente realizado?*

PASTOR SESÓSTRIS: Não. Depois de 34 anos servindo à Obra e 20 trabalhando na *Golden*, ainda há algo para fazer. Quero multiplicar os lares infantis em todo o Brasil, ver o meu livro publicado, entre outras coisas.

MINISTÉRIO: *Por falar em livro, como surgiu a idéia de publicar um e qual o seu conteúdo?*

PASTOR SESÓSTRIS: O livro, a ser lançado pela Casa Publicadora Brasileira, é sobre o ministério dos anjos. São experiências interessantes sobre a atuação dos anjos na vida de muitas pessoas e, evidentemente, as lições que podemos tirar disso tudo. Curiosamente, mais uma vez fui inspirado pelo Pastor Nigri. Ao ver seu livro *Meditações Matinais*, do ano passado, senti o desejo de fazer algo em torno do ministério dos anjos. Não poderia ser um livro de meditações, pois seria difícil catalogar 365 experiências. A sugestão da *CASA* foi no sentido de que escrevesse simplesmente um livro. Creio que brevemente estará à disposição do público.

MINISTÉRIO: *Como o senhor vê a Igreja Adventista, quase 150 após o início desse movimento?*

PASTOR SESÓSTRIS: Sem dúvida houve muitas lutas e delas resultaram algumas mudanças, ao longo dos anos. Alguns padrões de comportamento mantidos no passado, já não são os mesmos de hoje. A Igreja cresceu muito, administrar a estrutura atual tornou-se algo complexo. A atenção à pessoa humana, noutras palavras, a atenção pessoal ao membro da Igreja cedeu lugar à preocupação institucional. Esse é um grande perigo. Mas, a mão de Deus está ao leme. Tudo acabará bem.

MINISTÉRIO: *O senhor acha que a Igreja está cumprindo fielmente seu papel missionário?*

PASTOR SESÓSTRIS: Apesar de todas as dificuldades, está. O plano *Missão Global* foi a melhor coisa que apareceu. Ele mudou realmente muita coisa. A mensagem adventista está penetrando em lugares antigamente fechadíssimos, portas estão se abrindo milagrosamente, enfim, há uma mobilização de

forças e setores que eu não vi antes. A igreja está vibrando.

MINISTÉRIO: *Mesmo assim, ainda há uma considerável parcela de membros que não se envolve.*

PASTOR SESÓSTRIS: Isso nunca foi fácil mesmo. A questão é que muitos membros não se sentem capacitados para determinado tipo de serviço que lhes é solicitado fazer. Nesse caso, os pastores e a liderança em geral devem tomar tempo para ajudar os membros a descobrirem seus dons, capacitá-los e prover material para o trabalho. Há outros casos em que o problema talvez seja a falta de uma experiência mais sólida de conversão. Devemos trabalhar e orar em favor desses. O Espírito Santo despertará e utilizará a todos quantos se submeterem ao Seu poder.

MINISTÉRIO: *Que fator o senhor vê como representando uma ameaça à doutrina da Igreja Adventista?*

PASTOR SESÓSTRIS: Primeiramente quero lembrar que temos um corpo doutrinário fundamentado na Bíblia. Assim sendo, eu creio que tudo aquilo que represente qualquer ameaça pode ser enfrentado com o "assim diz o Senhor".

O meu temor, às vezes, é que muitos membros pouco instruídos nas grandes verdades bíblicas, acabem sucumbindo a um vendaval que surja, como por exemplo, o ocultismo, o carismatismo que cresce assustadoramente, e de modo especial o Movimento Nova Era. Esses movimentos, a qualquer hora, podem apresentar falsos cristos, fazendo milagres, prodígios, e maravilhas, e, para mim, muitos dentre o nosso povo não estão preparados para receber um choque desse tipo, pela razão que já mencionei antes: falta de alimento sólido do púlpito e, acrescento agora, falta de leitura das obras do Espírito de Profecia.

Se o povo lesse a Bíblia e o Espírito de Profecia estaria preparado para o que acontecerá nos últimos dias da História. Mas muita gente vai ficar confusa e ser enganada porque não lê. Creio que essa é a maior ameaça.

MINISTÉRIO: *Qual a doutrina adventista que mais lhe fala ao coração?*

PASTOR SESÓSTRIS: Dentre todas as doutrinas da Igreja, a que mais me cativa,

comove, e fala profundamente à minha alma, é a pré-existência de Cristo e Sua eternidade, a encarnação. Impressiona-me como Cristo deixou a Sua glória, tomou a forma humana e veio viver entre os homens. É o mistério da piedade. Eu não sei entender isso em toda a sua plenitude. Como a divindade envolveu-Se com a humanidade e vice-versa, é algo além da nossa compreensão. E lhe digo que se Cristo não tivesse vindo como veio, revelando o Pai, talvez seria muito difícil eu crer em um Deus distante, inacessível a mim. Ele trouxe Deus para perto de mim, para perto de nós. Isso é a coisa mais maravilhosa da Bíblia.

MINISTÉRIO: *De acordo com o seu modo de ver, qual a maior necessidade da Igreja atualmente?*

PASTOR SESÓSTRIS: A Igreja precisa retornar ao primeiro amor, tal como adverte o Apocalipse. Ao lado disso, outra coisa me preocupa: É preciso haver um despertamento para a realidade que Jesus logo vem. Muitos irmãos estão vivendo despreocupados, indiferentes a essa verdade, construindo e ajuntando para este mundo. A febre do consumismo tem contagiado a muitos dentro da igreja, como se a volta de Cristo fosse uma realidade distante, ou até nem fosse acontecer. Precisamos vencer o egoísmo, dividir o pão com o faminto e necessitado, precisamos ver além das aquisições terrenas. Jesus está vindo, e essa deveria ser a nossa preocupação maior.

MINISTÉRIO: *Um recado especial para os leitores de MINISTÉRIO.*

PASTOR SESÓSTRIS: Eu diria, especialmente aos pastores e anciãos, que alimentem bem o rebanho que Deus lhes confiou. Não o deixem faminto, tampouco coloquem palha no cocho. Coloquem-no ao alcance dos cordeirinhos também. O rebanho bem nutrido ficará feliz, pronto e disposto para trabalhar. Sendo bem assistidos em suas necessidades, os irmãos responderão com naturalidade à missão.

Planejem bons programas evangelísticos para as noites de domingo. Tanto os membros batizados como os visitantes receberão os benefícios de uma apresentação cristocêntrica das doutrinas. Não podemos deixar de alimentar o povo, através de mensagens essencialmente bíblicas.

Quando a Palavra de Deus sai vazia

OSCAR A. HERNANDEZ
*Professor de Teologia na Universidade
Adventista do Chile*

Houve um tempo no qual imaginei que deveria abandonar o ministério e dedicar-me à outra atividade denominacional, onde não fosse tão necessário falar. No final de 1991, cheguei a uma condição tão precária em relação ao uso da voz, que era praticamente impossível proferir a última prece após um sermão. Quase nem conseguia dizer alguma coisa aos irmãos, à saída. Minha disфония era um problema notório, perceptível cada vez que pronunciava mesmo poucas palavras.

Não é pequeno o número de pastores que enfrentam problemas com a voz, e maior ainda é o número dos que caminham em direção a uma angustiante experiência, se não tomarem as devidas precauções.

O propósito deste artigo é orientar os pregadores que são vítimas de problema semelhante, e, também, alertar os que ainda se sentem imunes, no sentido de se prevenir contra qualquer dificuldade fonética. Minha experiência ao longo de uma luta renhida com uma disфония crônica, e como, felizmente, consegui superá-la, poderá ajudar a muitos colegas de ministério.

Sintomas

Que sintomas denunciavam a minha situação? Os mais comuns eram: contínua aspereza na garganta, ressecamento das cordas vocais, obstrução das vias respiratórias, disфония permanente, afония ocasional e concentração mucosa nas cordas vocais.

Esses sintomas, logicamente, não aparecem da noite para o dia. Foram, isto sim, o resultado de longos anos de descuido e mau uso da voz. Embora estivesse atingindo apenas 17

anos de trabalho denominacional, pude voltar muitos anos atrás e identificar alguns indicativos do problema, os quais com o passar do tempo foram se agravando. Nos últimos anos, tive que ser operado de pólipos nas cordas vocais, mas estes reapareceram seis meses depois da cirurgia. Logo, em outra intervenção, foi corrigido um dos tabiques nasais. Embora procurasse toda ajuda profissional disponível, nada parecia solucionar meu problema.

Um dia, em meio a minha frustração, fui aconselhado a visitar um prestigiado otorrinolaringologista, o qual solicitou-me um exame alérgico. Os resultados desanimadores indicaram que sou alérgico a várias partículas do ambiente. Iniciei o uso de medicamentos anti-alérgicos, e voltei a respirar normalmente depois de muitos anos. Com o problema nasal resolvido, ainda me restava solucionar a questão da minha voz. Iniciei então um tratamento com um fonoaudiólogo, que me devolveu as esperanças de melhora, desde o princípio.

Ao fim de seis semanas a recuperação fora tal que senti-me como se tivesse renascido. Desapareceram os pólipos das cordas vocais, bem como a constante disфония. Graças a Deus, o problema foi superado. Continuei o meu trabalho sem que as dificuldades reaparecessem.

Causa e prevenção

Que lições pude aprender dessa experiência? Onde reside a causa de todo problema fonético? Como é possível prevenir-se qualquer problema dessa natureza? Que espera de nós o Senhor quanto ao uso correto da voz?

Primeiramente é importante lembrar que

Ellen White deu claros conselhos aos pregadores no sentido do uso correto e da educação da voz. Eis um deles:

“Alguns de nossos mais talentosos ministros estão causando grande dano a si mesmos por sua maneira defeituosa de falar. Ao passo que ensinam ao povo seu dever de obedecer à lei moral de Deus, não devem ser achados a violar as leis do Senhor com respeito à saúde e à vida. Os ministros devem manter-se eretos, falar devagar, com firmeza e distintamente, inspirando profundamente o ar a cada sentença, e emitindo as palavras com o auxílio dos músculos abdominais. Se observarem esta regra simples, atendendo às leis da saúde em outros sentidos, poderão conservar a vida e a utilidade por muito mais tempo que o podem fazer os homens em qualquer outra profissão. O peito tornar-se-á mais amplo, e ... o orador raramente fica rouco, mesmo falando continuamente.” (*Obreiros Evangélicos*, pág. 90).

Um pregador tem razões fundamentais para cuidar e educar sua voz, pois preparou-se para entregar, por meio dela, a Palavra de Deus. Não é, portanto, suficiente conhecer a Palavra. Devemos também partilhá-la semanalmente com a congregação, e isso requer esmero e cuidado. Se o Espírito de Deus exerceu grande cuidado na seleção dos que haveriam de escrever os oráculos divinos, e estes, por sua vez, sendo inspirados, exerceram diligência para comunicar aquilo que receberam, igualmente se espera de nós a mesma diligência, e idoneidade, na pregação da Palavra. Se esperamos que ela não volte vazia, devemos assegurar-nos de que não saia vazia de nossos lábios. Um ministro deve prestar atenção especial ao correto uso da voz.

Dicas valiosas

Os seguintes conselhos, práticos e simples, já beneficiaram a muitos. Poderão ser úteis também para você.

1. Cuide das cordas vocais. Pode-se dizer de muitos pastores que, depois do coração, o órgão mais utilizado são as cordas vocais. A própria natureza do trabalho pastoral exige que assim seja. Somos nós os pastores quem exortamos “a tempo e fora de tempo”. Por isso, deveríamos exercer maior cuidado com a voz. O pregador deve estar alerta para as mudanças bruscas de temperatura. O uso de um cachecol, em regiões frias, ajudará no

sentido de que a garganta não seja afetada. Além disso, é conveniente e saudável evitar que impurezas desnecessárias cheguem às cordas vocais. O caminhar com a boca aberta por uma via congestionada, ou com muito pó, logicamente produzirá efeitos maléficis.

Os que sofrem de ressecamento nasal encontrarão valioso auxílio em fazer inalações bucais. O processo envolve água fervida juntamente com alguma erva medicinal. Com muito cuidado, coloca-se o rosto sobre o recipiente, inalando pelo menos dez vezes. Este é um tratamento hidroterápico caseiro, com o objetivo de umedecer a garganta. É aconselhável que seja feito à noite, imediatamente antes de dormir, para evitar a exposição à mudanças de temperatura.

Respire corretamente. A voz é mais que um simples somido. Jay Adams indica a diferença existente entre a voz e o somido, da seguinte maneira: “O som é ar não articulado em vibração, enquanto a voz é ar articulado em vibração.” (*Pulpit Speech*, pág. 130). Quer dizer, os sons da fala são produzidos pela passagem do ar que flui pela laringe e passa pelas cordas vocais. Uma boa voz é o resultado do correto uso do sistema respiratório. A respiração que projeta uma boa voz procede do diafragma. Steven Vitrano assinala que o erro comum dos pregadores consiste em encher os pulmões profundamente, jogar os ombros para trás, a fim de expandir ao máximo o nível pulmonar (*How to Preach*, pág. 69). A respiração procedente do diafragma é muito mais efetiva e natural, já que permite controlar a respiração, o que é essencial para a projeção de uma voz adequada.

Um modo simples de treinar a respiração correta consiste em permanecer deitado e colocar a mão esquerda sobre o peito, enquanto a direita é colocada sobre a parte superior do estômago. Ao respirar usando o diafragma, deverá ser evitado qualquer movimento do peito, ou seja, da mão esquerda. Apenas a mão direita, na parte superior do estômago deve movimentar-se. Ao encher o diafragma, os músculos do estômago serão impulsionados para fora, fazendo com que a mão direita suba e desça, à medida que a respiração é feita.

Quando a voz procede do diafragma, as cordas vocais farão o mínimo esforço. Se falamos usando algum outro mecanismo, não somente estaremos criando um esforço desnecessário às cordas vocais, mas também a qualidade da voz será afetada.

Virgil Anderson ensina três exercícios que podem ajudar a desenvolver corretamente o uso do diafragma:

Primeiro exercício: Deite-se de costas, de maneira bem relaxada, e ao respirar lentamente observe a atividade na parte média do corpo. Coloque um livro sobre o estômago e observe como se eleva e como abaixa, enquanto você aspira e expira.

Segundo exercício: De pé, encostado a uma parede, segure um livro sobre o estômago, cerca de dez centímetros abaixo do esterno. Expire completamente, forçando tanto ar quanto lhe seja possível. Se necessário, facilite o procedimento pressionando o livro. Quando tiver expirado todo o ar, comece a inspirar lentamente, permitindo que o livro suba, no processo de expandir a parte do corpo onde se encontra. Esse exercício deve ser praticado até que a respiração esteja sob controle.

Terceiro exercício: De pé, ereto com peito e queixo para frente, coloque as mãos sobre o estômago e respire cômoda e lentamente, sentindo a expansão pela frente e pelos lados. Cuide para que a parte superior do peito permaneça passiva e relaxada. (*Training the Speaking Voice*, págs. 40 e 41).

3. Encontre o tom natural de sua voz. Todas as pessoas possuem uma tonalidade de voz diferente. Para encontrar o seu tom, respire com o diafragma e expire o ar de tal forma que, sustendo os lábios e os dentes, produza um zumbido semelhante ao da abelha, e que a ação recaia sobre o lábio superior, fazendo-o vibrar. Outra maneira é repetir o processo, criando, em lugar do “zumbido de abelha”, um somido de “mmmmm”. Ou poderíamos, com o auxílio de um piano, procurar a nota na qual nos encaixemos.

Falar numa tonalidade que não seja a sua produzirá dois efeitos. Primeiro, incomodará o ouvinte; e, segundo, cansará o orador mediante um esforço desnecessário.

Uma vez que tenha sido determinado o tom de voz, ele pode ser manejado sem esforço fora do comum, até que seja possível falar a grupos de cinco, dez, ou trinta pessoas. Isso deve ser levado em conta, especialmente quando não se dispõe de auxílio de microfone. Jamais a voz natural deveria ser forçada devido a circunstâncias.

4. Fale calmamente. É muito fácil o pregador emocionar-se e exceder a rapidez com que fala. Bruce Gronbeck sugere que, ao falar em público não deveríamos, agitar-nos

ao ponto de falar 250 e 300 palavras por minuto, mas permanecer na média entre 150 e 255. (*The Articulate Person*, pág. 68).

Quando falamos com rapidez, geralmente falhamos em respirar em pausas correspondentes, e corremos o risco de ficar esgotados e afônicos. Deveríamos, portanto, aprender a modular bem a voz, a usar bem as pausas, quando necessárias, e a falar de maneira fluida e animada, porém, evitando a rapidez.

Conclusão

Se você sofre de algum problema fonético, é sempre recomendável consultar um especialista. Se após seis semanas de prática dos exercícios sugeridos anteriormente, não for observada nenhuma melhora, é possível que uma alergia ou outro problema crônico esteja lhe afetando. Seja qual for o caso, o descanso sempre é de grande ajuda.

É importante que os ministros que expõem regularmente a Palavra de Deus façam o máximo esforço para cuidar e educar o uso da voz. Muitas são as ações para exercermos maior atenção, no entanto, a principal delas deveria ser a de cuidar para que a mensagem chegue aos ouvintes sem nenhuma obstrução. Não por conveniência pessoal, mas por um senso de profundo respeito pelo dever sagrado. O Espírito Santo falará aos ouvintes através da nossa voz.

René Padilha afirmou que “pela ação do Espírito, a Palavra escrita que se faz audível na pregação bíblica se transforma na Palavra de Deus, de tal maneira que o coração dos ouvintes arde com o mesmo ardor que experimentaram os discípulos no caminho de Emaús, quando Cristo ressuscitado lhes abriu as Escrituras (Luc. 24:13 a 32)”.

Se a Palavra de Deus deve ser ouvida “preceito sobre preceito, preceito e mais preceito; regra sobre regra, regra e mais regra; um pouco aqui, um pouco ali...” (Isa. 28:13), um pregador considerará um sagrado compromisso o cooperar com o Todo-poderoso em sua apresentação clara e livre de impedimentos. Ellen White comenta: “... por todos os meios, cultivai a voz o máximo que vos seja possível, de maneira que possais tornar clara a verdade para os outros” (*Obreiros Evangélicos*, pág. 89).

Deus prometeu que Sua Palavra não iria voltar vazia (Isa. 55:11), e, portanto, não deve também sair vazia. Deve fluir em força normal, clara e enriquecida pelo Espírito Santo.

Ungindo com óleo

HORNE P. SILVA

Ex-professor de Teologia, jubilado,
reside em São Paulo

Assim como fazem outras Igrejas cristãs, a Igreja Adventista também realiza a cerimônia da unção, ministrada a enfermos. O texto no qual se fundamenta essa prática encontra-se na Epístola de Tiago 5:14: “Está alguém entre vós doente? Chame os presbíteros da igreja, e estes façam oração sobre ele, ungindo-o com óleo em nome do Senhor.”

A fim de evitarmos os perigos das interpretações distorcidas, e a confusão causada por modernos movimentos carismáticos extremistas, devemos estar lembrados, de início, que esse verso também deve ser analisado e entendido à luz do seu contexto. Nos versos 13 a 16 encontramos a relação existente entre o pecador, a confissão de seus pecados, a oração, a unção e, finalmente, a cura ou restabelecimento da saúde. Está envolvida aqui, também, a condição daquele que oferece a oração pelo enfermo.

Entre os judeus, vamos encontrar pelo menos três modelos de unção: A unção ordinária, que tinha como objetivo o asseio pessoal ou refrigério físico, geralmente era uma manifestação especial de cortesia oferecida aos hóspedes. É nesse sentido que podemos entender a palavra hebraica *suk* (II Sam. 12:20; Dan. 10:3) e o termo grego *aliphó* (Mat. 6:17; Luc. 7:46).

A unção oficial era conferida aos profetas, sacerdotes e reis. Assim foi que Elias ungiu a Eliseu (I Reis 19:16); Aarão e seus filhos foram ungidos (Êxo. 30:30); e também Saul (I Reis 9:16), Davi (I Sam. 16:12) e Salomão (I Reis 1:34). A palavra hebraica geralmente usada para identificar a unção oficial era *mashach*, da qual, posteriormente surgiu o termo *Messiah* (Messias) – “o ungido”. No idioma grego a palavra equivalente é *Christos*.

Finalmente, a unção medicinal, como o próprio nome indica, era um remédio comum que se aplicava aos doentes e feridos. Também servia como simbolismo de cura física e espiritual, como no caso de Mar.

6:13 e Tiago 5:14 e 15, além de Apoc. 3:18, onde aparece a palavra *epichrió*. O significado espiritual é tirado do uso que se fazia do azeite como remédio. Em Luc. 7:38, é declarado que Maria beijava os pés de Jesus e “os ungiu com unguento” (*muri-zó*). Jesus afirmou que ela estava ungindo o Seu corpo antecipadamente para a sepultura (Mar. 14:8).¹

O que diz o verso

É interessante verificar que além de Tiago 5:14, só há uma outra passagem que faz referência à unção, relacionando-a com o ato de curar. Trata-se de Mar. 6:13, onde é dito que os discípulos, empenhados no cumprimento da missão, “... expeliram muitos demônios e curavam numerosos enfermos, ungindo-os com óleo”. Mas essas passagens não deixam claro que há necessidade de ungi-ir o doente para que seja curado.

Analisando as palavras do apóstolo Tiago, deparamo-nos com algumas coisas importantes, que antecedem à unção. Primeiramente, o que sofre é aconselhado no sentido de que “faça oração” (v. 13). Em seguida, no tratar específico de alguém doente, diz-se aos presbíteros: “façam oração sobre ele” (v. 14). Depois de tudo isso, é recomendada a unção. É o que tudo indica, é que a ênfase de Tiago não é na unção, mas, na oração. Tanto é assim que ele continua mencionando que eficaz mesmo é “a oração de fé” que “salvará o enfermo” (v. 15). E para justificar a sua apologia do valor da oração, acrescenta que deve ser feita por um “justo”, a exemplo da experiência de Elias (vs. 16 e 17).

A unção na Igreja cristã

A origem da prática de ungi-ir os enfermos não era um costume generalizado na Igreja Apostólica. Praticamente o Novo Testamento conserva-se silencioso acerca

desse costume. O livro de Atos dos Apóstolos, que historia o desenvolvimento da Igreja e fala de muitas curas, não tem nada a dizer. O que se pode admitir é que, na Era Apostólica, possivelmente esse costume estivesse restrito, quem sabe, a alguma pequena comunidade.

Continua sendo um mistério, como esta cerimônia foi originada e ganhou espaço na Igreja cristã. O que se sabe é que a aceitação das instruções dadas por Tiago representou um processo muito demorado na tradição cristã. Provavelmente a prática somente foi incorporada aos ensinamentos e à liturgia da Igreja, no Séc. VII.²

A conclusão a que chegamos é que o óleo de oliva era considerado um dos remédios mais comuns entre os antigos, usado tanto para ser ingerido como para untar. No Oriente ainda se pratica o costume de unguir com azeite as pessoas, acreditando-se que ele realmente tenha propriedades medicinais e curativas. Era comum, no clima quente da Palestina, friccionar o corpo com óleo, como uma necessidade para a saúde, conforto e bom aspecto pessoal.

A Igreja primitiva não conferia à unção de Tiago 5:14 nenhuma eficácia sacramental. Embora, por volta do Séc. VIII, essa passagem das Escrituras passou a ser usada como prova de sustentação da extrema-unção, praticada pela Igreja Católica, para os que estavam morrendo.³

Tampouco se sabe como a cerimônia da unção entrou na Igreja Adventista. O Espírito de Profecia não a desaprova. É um dos mais solenes e sagrados deveres ministeriais:

“Os servos de Cristo são os instrumentos de Sua operação, e por meio deles deseja exercer Seu poder de curar. É nossa obra apresentar o enfermo e sofredor a Deus, nos braços da fé.”⁴

“A unção com óleo é uma excelente ilustração de como Deus usa os costumes humanos para levar os homens a obterem mais abundante e verdadeiro conhecimento da salvação... Deus usa meios familiares a Seu povo ao ensinar-lhes a Sua santidade e a beleza do plano da redenção.”⁵

O serviço da unção, quando é feita oração pelo doente, é o ato mais sério e não deveria ser feito sem preparo cuidadoso. “Temos na Palavra de Deus instruções relativas à oração especial pelo restabelecimento de um doente. Mas tal oração é um ato soleníssimo, e não o devemos realizar sem atenta

consideração. Em muitos casos de oração pela cura de um doente, o que se chama de fé não é nada mais que presunção.”⁶

Princípios básicos

O *Manual para Ministros*, págs. 104-106, contém, de maneira sucinta, orientações para o serviço da unção. Há cerca de três décadas, o Pastor Charles Mellor escreveu um artigo no qual abordou amplamente o assunto. Os princípios que apresentamos a seguir foram extraídos justamente desse artigo.

Certo jovem ministro, em seu primeiro distrito foi chamado para unguir uma senhora de meia-idade que estava sofrendo um ataque agudo da vesícula. Enfaticamente ela declarou: “Pastor, eu não vou ao médico porque seria negar a fé em Deus.” Deveria alguém que pediu uma oração especial, ir ao médico ou usar qualquer remédio, uma vez que seu caso foi colocado nas mãos de Deus pelos anciãos da igreja? Ellen White dá a resposta:

“Os que usam a cura pela oração não devem negligenciar o emprego de remédios ao seu alcance. Não é uma negação da fé usar os remédios que Deus proveu para aliviar a dor e ajudar a Natureza em sua obra de restauração. Não é nenhuma negação da fé cooperar com Deus, e colocar-se nas condições mais favoráveis para o restabelecimento. Deus pôs em nosso poder o obter conhecimento das leis da vida. Este conhecimento foi colocado ao nosso alcance para ser empregado. Devemos usar toda facilidade para restauração da saúde, aproveitando-nos de todas as vantagens possíveis, agindo em harmonia com as leis naturais.”⁷

A pessoa doente deve tomar a iniciativa de pedir a unção. Disse Tiago: “Chame os presbíteros”. Compreendida literalmente, essa admoestação indica que os ministros ou familiares não deveriam tomar a responsabilidade de marcar a cerimônia. O pedido deve vir da pessoa que deseja a unção. Poderá ser feita uma exceção nos casos em que a pessoa está muito mal, impossibilitada de fazer a solicitação.

Há, geralmente, um acordo entre os ministros de experiência no sentido de que seja feita a unção apenas nos casos de doenças graves. Alguns membros da igreja solicitarão a outros ministros para realizarem unção, quando a cura não é imediata. Eles sentem que quanto mais vezes for un-

gido o enfermo, maior é a chance para recuperação. Tal prática degrada o mais sole-
ne serviço. Ministros de igrejas vizinhas, e do escritório da Associação, devem ser cuidadosos em aceitar tais convites antes de consultarem o pastor da igreja da qual o doente é membro. Nesse caso a questão da ética também está envolvida.

O problema de ungir pessoas que não são membros da igreja com-

plica muitos ministros sérios. Alguns sentem que esta cerimônia deve ser realizada apenas para aqueles que têm seus nomes no livro da igreja. Há algumas exceções para esse procedimento; mas seria mais consistente com os ensinamentos da Bíblia, se o ministro orar pelas pessoas de fora da igreja em vez de realizar o serviço da unção por elas.

Antes de ser realizada a cerimônia, é necessário ter uma conversa séria com o paciente. Para a unção ser significativa, o chamado aos ministros deve ser feito bem antecipado. Assim a pessoa terá tempo para compreender o significado do que irá ser feito. Terá tempo para algum verdadeiro exame de seu coração. Em caso de doença crítica, o atendimento por parte dos ministros deve ser tanto abreviado quanto antecipado foi o chamado.

Tiago apresenta um requisito prévio para a unção: "Confessai, pois, os vossos pecados uns aos outros, e orai uns pelos outros, para serdes curados" (5:16). Isso significa que o paciente deve realmente sondar o próprio coração, se possível. Deve perguntar-se a si mesmo: "Está tudo certo entre mim e meu Deus?" "Se eu tiver iniquidade em meu coração, o Senhor não me ouvirá", disse Davi. Evidentemente, o pastor não deve assumir a vez de "confessor". Ao contrário, ele está ajudando a pessoa em angústia física a encontrar seus próprios problemas e a criar uma atmosfera para ajudá-la a compreender-se a si mesma.

"Ao que solicita orações, sejam apresentados pensamentos como este: 'Nós não podemos ler o coração, nem conhecer os segredos de vossa vida. Estes são conhecidos unicamente por vós mesmos e por Deus. Se vos arrependeis de vossos pecados, é vosso dever fazer confissão deles.' O pecado de na-

tureza particular deve ser confessado a Cristo, o único mediador entre Deus e o ho-

mem... todo pecado é uma ofensa a Deus, e Lhe deve ser confessado por intermédio de Cristo. Todo pecado público deve ser do mesmo modo publicamente confessado. A ofensa feita a um semelhante deve ser ajustada com a pessoa ofendida... Havendo os erros sido endireitados, podemos apresentar as necessidades do

enfermo ao Senhor, com fé tranqüila, como Seu Espírito nos indicar. Ele conhece cada indivíduo por nome, e cuida de cada um como se não houvesse na Terra nenhum outro por quem houvesse dado Seu bem-amado Filho."⁸

É prudente concluir a entrevista com oração. Pode-se pedir ao doente que ore para que Deus o ajude a ver tudo na vida que possa impedir as bênçãos espirituais desejadas. Entre o tempo do chamado antecipado e o serviço da unção, deve ser feito um exame de coração. A entrevista é terminada com o ministro pedindo a Deus para dirigir a pessoa doente a uma real experiência em Cristo.

O serviço

Dois ou três presbíteros (pastores, anciãos), do Campo ou da igreja local, devem realizar a cerimônia. Os escolhidos devem ser homens de predominante visão espiritual e oração.

No caso de o doente estar em um hospital, é bom notificar ao pessoal em serviço de que será efetuada a unção. Nos hospitais adventistas, muitas vezes, estarão prontos a mudar o enfermo para um quarto particular. Se existe um outro doente no quarto, deve ser colocada uma cortina, propiciando assim o maior isolamento possível. Ao entrarem no quarto, os pastores devem permanecer juntos, numa posição que possibilite a melhor visão do paciente.

É importante que a cerimônia seja simples e curta. Após as saudações e introdução, será apropriado que o dirigente leia algumas promessas da Bíblia para os enfermos. Depois os que o acompanham proferirão orações curtas e apropriadas. Somos advertidos: "Ao orar pelos doentes, cumpre

lembrar que 'não sabemos o que temos de pedir como convém' (Rom. 8:26). Não sabemos se a bênção que desejamos será para bem ou não. Portanto, nossas orações devem incluir este pensamento: 'Senhor, Tu conheces todo segredo da alma. Estás familiarizado com estas pessoas. Jesus, seu advogado, deu a vida por elas. Seu amor por elas é maior do que é possível ser o nosso. Se, portanto, for para Tua glória e o bem dos aflitos, pedimos, em nome de Jesus, que sejam restituídos à saúde. Se não for a Tua vontade que se restaurem, rogamos-Te que a Tua graça os conforte e a Tua presença os sustenha em seus sofrimentos.'"⁹

A pessoa que efetua a unção orará por último. Diz Ellen White: "Nossas petições não devem revestir a forma de uma ordem e sim de uma intercessão para que se cumpra o que d'Ele suplicamos."¹⁰ É mais: "Foi-me mostrado que em casos de enfermidade, em que não houver impedimento algum para que sejam feitas orações em favor do doente, o caso deveria ser confiado ao Senhor com calma e fé, e não com tempestade de excitação. Só Ele é quem conhece a vida passada do indivíduo, e sabe também o que será o seu futuro."¹¹

Perto do fim da oração, o ministro aplicará o óleo. Deve-se estar certo de que o óleo de oliva usado não está rançoso. Pode ser derramado levemente na testa, perto da divisa do cabelo (apenas algumas gotas) e puxado com o dedo para ser colocado sobre a testa e as têmporas. Deve-se entender que não há propriedades curativas no óleo, mas é um símbolo do Espírito Santo.¹²

Orando pelo enfermo, nós temos o poder do Espírito Santo para assisti-lo na cura e no seu conforto.

É possível que os pastores se ajoelhem durante a oração; mas isso é possível apenas quando o doente se encontra numa cama baixa, ou que seja abaixada. Do contrário, então é melhor os oficiantes permanecerem em pé. Algumas vezes é feita a pergunta se outros, além dos pastores, podem estar presentes durante o serviço. Muitos ministros permitem a presença do cônjuge ou algum parente chegado.

Resultados da unção

A promessa com respeito à unção com óleo, pelos pastores, é: "E a oração de fé salvará o enfermo, e o Senhor o levantará;

e, se houver cometido pecados, ser-lhe-ão perdoados." (Tiago 5:15). O primeiro benefício da unção é que o indivíduo aceita o perdão e as bênçãos de Deus. No processo de esquadrihar o coração, se ele cometeu pecados, "ser-lhe-ão perdoados". É o privilégio do ministro apontar Cristo para o sofredor. A crise da enfermidade pode dirigir alguém à real fonte de perdão. Muitas pessoas têm sido levadas, assim, a uma completa experiência com Jesus.

O interesse de muitas pessoas é a cura física. Pode realizar-se uma cura? Há muitos que podem testificar afirmativamente. O ministro deve compreender que nem todos os casos são semelhantes no cumprimento da promessa: "e o Senhor o levantará". Alguns são curados instantaneamente, outros são curados após um período de tempo, e alguns descansam no túmulo, para levantarem na ressurreição.

"Casos há em que o Senhor opera decididamente por Seu divino poder na restauração da saúde. Mas nem todos os doentes são sarados. Muitos são postos a dormir em Jesus. João, na Ilha de Patmos, foi mandado escrever: 'Bem-aventurados os mortos que desde agora morrem no Senhor. Sim, diz o Espírito, para que descansem das suas fadigas, pois as suas obras os acompanham' (Apoc. 14:13). Vemos por aí que se as pessoas não forem restituídas à saúde, não devem ser, por isso, consideradas como faltas de fé."¹³

Há poder na oração e é um privilégio real para o ministro do evangelho conduzir o doente grave a olhar para Jesus, o grande Médico. Quão emocionante são as palavras: "Muito pode, por sua eficácia, a súplica do justo" (Tiago 5:16).

Referências:

1. *Seventh-Day Adventist Bible Dictionary*, pág. 46.
2. *Interpreter's Bible Commentary*, S. Tiago, págs. 16-19.
3. *Seventh-Day Adventist Bible Commentary*, vol. 7, pág. 540.
4. Ellen G. White, *A Ciência do Bom Viver*, pág. 226.
5. *Seventh-Day Adventist Bible Commentary*, vol. 2, págs. 493 e 494.
6. Ellen G. White, *Op. Cit.*, pág. 227.
7. *Idem*, págs. 231 e 232.
8. *Idem*, págs. 228 e 229.
9. *Idem*, págs. 229 e 230.
10. *Testemunhos Seletos*, vol. 1, pág. 215.
11. *Idem*, págs. 213 e 214.
12. *Parábolas de Jesus*, págs. 406 e 407.
13. *A Ciência do Bom Viver*, pág. 230.

Cem anos se passaram

ROBERT G. WEARNER

Ex-professor de Teologia no ENA, reside em Murfreesboro, Tennessee, EUA

O dia 9 de setembro de 1994 assinala o centenário da primeira igreja adventista organizada na Argentina e no território da Divisão Sul-Americana. A Igreja mundial e os mais de um milhão de membros dessa Divisão congratulam-se com os 65 irmãos que, atualmente, reúnem-se na Capela Campes- tre, nas proximidades da Universidade Ad- ventista del Plata.

Empreendamos juntos uma viagem ima- ginária no tempo, e vejamos o que aconte- ceu, há um século, nas terras férteis da província de Entre Rios. Um jovem minist- ro de fala alemã, Francisco H. Wes- tphal, acaba de che- gar do Estado de Illi- nois, EUA. Sob o in- tenso frio do final de inverno no hemisfé- rio sul, o grupo de crentes enche a pe- quena casa de barro para ouvi-lo. Muitos não puderam nem en- trar. Após o sermão de dedicação, o Pas- tor Westphal organiza uma igreja com 36 membros e faz um apelo para que outras pessoas se unam àquele grupo. Os membros batizados elegem Jorge Riffel como seu ancião, e outros dirigentes da congregação que começa com entusiasmo sua carreira missionária.

Seria interessante examinar o livro da igreja. Lamentavelmente, os nomes dos primeiros membros se perderam. Juan Rif- fel, neto do primeiro ancião, elaborou uma lista das famílias que considera formadoras do novo núcleo: Hetze, Weiss, Schimidt, Bernhardt, Roscher, Frick, Zimmerman, Yanke, Jacobi e Dirivecheter. Sabe-se, no entanto, que muitas outras viveram naque- la comunidade adventista, tendo-se unido a ela depois do dia 9 de setembro. Entre es-

tas, figuram os Brunner, Franck, Schnei- der, Zeffass, Jegel, Block e Schimpf.

Chegam os missionários

Como Francisco Westphal soube da exis- tência deste grupo de observadores do sábado? Jorge Riffel, seu líder, estivera orando pela chegada de um pastor, ao mes- mo tempo em que escrevera muitas cartas à Associação Geral, sediada em Battle Creek. Em viagem pela América do Sul, e como resposta às orações, o Pastor L. C. Chad- wick, da AG, visitou-os em julho de 1982. Ao re- gressar, recomendou que um ministro de fala ale- mã fosse enviado para trabalhar naquela área. Mas a espera ainda du- rou dois anos.

Atendendo ao convi- te feito, Francisco Wes- tphal deixou Nova Ior- que no dia 18 de julho de 1894, em companhia de sua esposa, Maria, e

dois filhos pequenos. Seu cunhado, irmão Thurston, também o acompanhou, junta- mente com a esposa, chamado para dirigir o trabalho da colportagem no Brasil. De- pois de uma longa viagem, o casal Thurs- ton ficou no Rio de Janeiro.

Ao chegar em La Plata, Argentina, num dia frio e chuvoso, a família Westphal ale- grou-se por encontrar o irmão R. B. Craig, diretor de colportagem, que os esperava no porto. De trem, logo chegaram a Buenos Ai- res. Após um período de descanso, no final da semana, o jovem pastor, deixando a famí- lia no lar dos Craig, viajou pelo Rio Paraná até a região norte da Argentina, em busca do grupo adventista.

Recém-saído de um clima de verão em Il- linois, o Pastor Westphal não estava prepa-

Adventistas
de todo o mundo
parabenizam
a DSA pelo
centenário de
sua primeira igreja
organizada.

rado para o frio inverno argentino. Sem agasalho, rapidamente foi acometido de uma forte gripe.

Em vão, buscava alguém que pudesse levá-lo à pequena comunidade adventista perto de Crespo. Posteriormente soube que uma carta que enviara não fora recebida, e, por isso, nem os irmãos sabiam da sua vinda. Sem falar espanhol, encontrava dificuldades para solicitar orientações. Mesmo assim, depois de repousar num hotel, aventurou-se a procurar transporte para seguir viagem. Encontrou então um granjeiro de fala alemã, o qual lhe informou onde viviam os adventistas e convidou-o a passar a noite em sua casa. Prometeu-lhe encontrar alguém, no dia seguinte, para levá-lo ao local procurado.

O missionário logo percebeu que as condições de vida do seu anfitrião eram bastante primitivas. A casa consistia apenas de um quarto e uma cozinha, em cujo piso foi estendida uma manta, onde ele deveria dormir. O aposento também servia como galinheiro e abrigo para gansos e patos. Para que o visitante estivesse abrigado do frio, o granjeiro ofereceu-lhe um enorme sobretudo. Tentando acomodar-se da melhor maneira possível, o pastor esperava logo poder dormir. Não foi possível fazê-lo. Teve início uma batalha contra piolhos e pulgas que habitavam o sobretudo. De um salto, colocou-se de pé e decidiu caminhar fora da casa, mas o latido dos cães o fez retornar.

Encontro com os irmãos

Finalmente amanheceu. Em pouco tempo encontrou uma pessoa que o conduziu até onde se encontravam os adventistas. O encontro com eles foi alegre e cordial. Estiveram orando por esse momento, havia muito tempo. Os jovens se apressaram em convidar vizinhos para a reunião que se realizaria naquela mesma noite.

O missionário pensou que a reunião terminaria cedo e, assim, ele poderia descansar. Especialmente, desejava desfazer-se das pulgas e piolhos que o atormentaram na noi-

te anterior e durante todo o dia. Mas o povo estava ansioso. Transcorrida uma hora, o sermão acabou e o pregador convidou os presentes para que retornassem no dia seguinte. Cantaram, oraram, mas simplesmente continuaram sentados. Mais tarde, ele es-

creveria: "Olharam com olhos famintos pela verdade, e pediram que continuasse." Assim, pregou mais uma hora. Novamente os despediu. E outra vez cantaram, oraram, e continuaram sentados. "Senti-me obrigado a pregar um terceiro sermão, ao qual escutaram com um interesse incansável",

**“Senti-me
obrigado a pregar
um terceiro sermão,
ao qual escutaram
com um interesse
incansável.”**

registra o paciente pregador.

Cerca de uma hora da manhã, finalmente, conseguiu persuadir os ouvintes para que regressassem a seus lares. Muitos se decidiram por Cristo nessa primeira reunião e durante as noites seguintes. Em menos de duas semanas de encontros noturnos e visitas durante o dia, o evangelista já contava com um grupo de 36 pessoas, prontas para formar uma igreja. Notou, então, que o problema mais grave era a necessidade de abandonar as bebidas alcoólicas.

O trabalho ganha impulso

De todo modo, o interesse na mensagem adventista continuou crescendo. O número de membros aumentou para 60. Enquanto o Pastor Westphal desbravava a região, os irmãos Jorge Riffel e Reinhardt Hetze lideravam os trabalhos.

Sem um lugar adequado para as reuniões, os membros imediatamente fizeram planos para construção de um templo. A família Hetze doou o terreno, outros membros confeccionaram tijolos e levantaram as paredes. Vizinhos não adventistas também ajudaram na construção. Da mesma forma que suas casas, a terra servia como piso, a cobertura era feita com palha e os assentos consistiam de tábuas sem encosto.

A capela de quatro paredes não possuía divisórias, de modo que as crianças ficavam com os adultos. Enquanto era estudada a lição infantil, os membros adultos escutavam. Em seguida, as crianças escutavam e os adultos estudavam sua lição. Durante a épo-

ca do calor, os pequenos reuniam-se do lado de fora, sob as árvores. Tudo era muito simples. Não havia púlpito e alguém doou um tablado para servir como plataforma.

Esse pequeno salão serviu de 1895 até 1906, quando foi construído um edifício mais amplo, noutro lugar.

Como os adventistas de outros lugares, as famílias locais também desejavam que seus filhos obtivessem uma Educação cristã. Solicitaram ao Pastor Westphal que trouxesse sua esposa, de Buenos Aires, para que os ensinasse. Na viagem seguinte, lá estavam a irmã Maria e seu filho Carlos. A pequena filha havia falecido. Com muita dificuldade com o

idioma – ela não possuía ascendência alemã –, a senhora Westphal ensinava as crianças. Posteriormente um professor de língua alemã assumiu esse trabalho, ensinando de casa em casa. Infelizmente o hábito da bebida o venceu, e ele desapareceu depois de três meses.

Quando foi construída a igreja de ladrilhos, ela também serviu como escola. Os pais pagavam os professores. Mas no final da década de 30, uma nova escola foi aberta sob o patrocínio da Associação. Em 1952, foi construído um edifício escolar. Centenas de missionários e obreiros têm suas raízes na escola de Crespo Campo.

As verdadeira raízes

Durante os primeiros anos, o Pastor Westphal fez muitas visitas àquelas famílias pioneiras. Evidentemente teve oportunidade de ouvir muitos relatos sobre suas origens e de como conheceram a mensagem adventista. A seguir, resumimos um desses relatos.

Catalina II governou a Rússia de 1762 a 1796. Filha de um príncipe alemão, ali chegou com a idade de 15 anos, para casar-se com o pretense herdeiro. Assumiu o poder aos 33 anos, e promoveu a colonização estrangeira em larga escala. Os alemães, incluindo os antepassados das famílias envolvidas na história de Crespo Campo, fixaram

sua colônias no Sul. Devido ao excesso de trabalho, alguns dos descendentes emigraram para a América um século depois.

Três homens jovens, com as respectivas esposas, todos alemães residentes na Rússia, ganham evidência neste relato: os irmãos Frederico e Jorge Riffel, e Reinhardt Hetze.

Em meados de 1870, os irmãos Riffel emigraram para o Novo Mundo. Frederico, o mais velho, tomou a esposa, Cristina, e os quatro filhos, e dirigiu-se para o Estado de Kansas, nas planícies da América do Norte. Situados no Condado de Marion, tornaram-se prósperos agricultores. Posteriormente, estabeleceram-se em sua nova propriedade ad-

quirida em Hillsboro.

Jorge escolheu o Sul do Brasil, e para lá dirigiu-se com sua esposa, Maria, e o filho de três anos. Após quatro anos no Rio Grande do Sul, a família mudou-se para Entre Rios, na Argentina, onde já estavam vários amigos alemães da Rússia. Mas o infortúnio bateu à sua porta. Depois de poucos anos, a colheita falhou e a praga de gafanhotos o forçou a mudar-se de novo. Frederico escreveu-lhe contando de sua prosperidade, como produtor de trigo nos Estados Unidos, e o incentivou a mudar-se. Dessa maneira, passada uma década de separação, os irmãos Riffel encontravam-se cultivando a terra no mesmo condado, em Kansas. Foi então que ocorreu o incidente que mudou completamente o curso de suas vidas.

L. R. Conradi, evangelista alemão de 29 anos, procedente de Michigan, realizou reuniões em Hillsboro e Lehigh, assistido por S. S. Shrock, pastor adventista. O resultado foi “excelente”. Foram organizadas duas igrejas totalizando 251 membros. As duas famílias Riffel assistiram regularmente às reuniões, deixando-se impressionar bastante. Quando o evangelista apelou para que aceitassem a Cristo e obedecessem Seus mandamentos, responderam com alegria.

Aparentemente, já haviam lido livros adventistas antes da chegada de Conradi. Um registro da Revista Adventista, edição espa-

Como os adventistas de outros lugares, as famílias de Crespo também desejavam que seus filhos obtivessem uma educação cristã.

nhola, de abril de 1966, menciona o contato com um colportor alemão.

Enquanto cultivava a terra de Kansas, Jorge pensou em seus amigos da Argentina. Escreveu-lhes cartas falando sobre sua nova fé e lhes enviou folhetos. As respostas vindas de Entre Rios indicavam que a semente caiu em solo fértil. Um amigo mencionava que guardaria o sábado se tivesse alguém que o acompanhasse. Essa notícia motivou Jorge à ação. Ele e a esposa convenceram-se de que deviam voltar à Argentina como evangelistas leigos, após fervorosas orações em busca da direção divina. O filho David, de 15 anos, batizado em 1888, voluntariamente cooperou na aventura missionária.

Frederico, pai de dez filhos a esta altura, escolheu permanecer em Kansas. Mas Jorge encontrou mais três famílias de adventistas alemães, dispostas a acompanhá-lo. Osvaldo Frick, Adan Zimmerman e Augusto Yanke venderam tudo e, juntamente com os Riffel, se tornaram os primeiros missionários de sustento próprio a embarcarem para a Argentina, em fins de 1889.

Ao chegarem a Buenos Aires, as três famílias demoraram-se nos acertos do processo de imigração, enquanto Jorge e os seus embarcaram pelo Rio Paraná, em direção à província de Entre Rios. No pequeno porto de Diamante, foram recebidos por Reinhardt Hetze, um amigo alemão conhecido na Rússia. Daí viajaram de carro, uns 16 quilômetros, até a casa de Hetze, em Barranca Blanca.

Durante a viagem, Jorge não perdeu tempo. Abriu a Bíblia e falou ao amigo a respeito do sábado. O assunto não era desconhecido de Reinhardt, embora não perseverasse nas tentativas anteriores para obedecê-lo. Foi nesse momento que tomou a decisão sólida de fazê-lo, o que aconteceu até a sua morte, ocorrida em 1940.

Em Barranca Blanca, Jorge Riffel começou a realizar pequenas reuniões de estudo da Bíblia. Contente com o êxito inicial, dedicou-se à evangelização da comunidade na área de Crespo, onde vivera antes de partir para Kansas. Logo chegaram as outras famílias, e embora exercessem atividades agríco-

las, consideravam sua primeira tarefa a proclamação do evangelho.

O grupo de observadores do sábado organizou uma vila adventista denominada "La Isla", que cobria uma área entre dois rios. Foi aí que o Pastor L. C. Chadwick os encontrou em sua breve visita, em julho de 1892. As reuniões eram feitas no lar dos Hetze. Eles mudaram-se para a vila, a fim de estarem mais perto dos outros crentes. Jorge encontrou um bom lugar para realizar batismos, perto da casa da família Schimpf, e fora autorizado a batizar, até que chegasse um ministro ordenado.

Os frutos

Nas décadas que se seguiram à organização da igreja de Crespo Campo, os membros assumiram um ativo interesse no crescimento da Igreja em toda a América do Sul. Ajudaram no estabelecimento do San-

tório Adventista del Plata e do colégio em Vila Libertador San Martín, semente da atual Universidade Adventista del Plata. Além disso, inspiraram nos filhos o desejo de se dedicarem ao serviço do Senhor. Muitos chegaram a trabalhar em outros países da América do Sul, ou como missionários além-mar.

A família de Jorge Riffel é um exemplo notório. Seu único filho,

David, casou-se com Júlia Weiss, filha de outra família pioneira. Esse casal teve 16 filhos: treze homens e três mulheres; doze dos quais permaneceram fiéis. Cinco dentre os filhos – Juan, José, Jorge, Andrés e Benjamin tornaram-se ministros de destaque.

A irmã de Jorge, Maria, casou-se com Daniel Weiss. Ambos serviram à Igreja por quarenta anos. Todos esses pioneiros nos deixaram um notável exemplo de lealdade e dedicação. Um século após a organização daquela igreja, felicitamos nossos irmãos da Argentina e da Divisão Sul-Americana. Que Deus os abençoe em seu contínuo serviço. Esperamos ainda nos encontrarmos e alegrarmos juntos, se não aqui na Terra, quando Jesus vier buscar-nos para o lar celestial.

A igreja de Campo Crespo contribuiu muito para o estabelecimento de várias instituições denominacionais na América do Sul.

No princípio, Deus

GILEAD DOS REIS BERGMANN

Diretor médico do Hospital Adventista
de Vitória, ES.

Há séculos, o ser humano defronta-se com as intrigantes perguntas: De onde vim? Quem sou? Para onde vou? E entre os ramos do conhecimento interessados em respondê-las, está o Evolucionismo.

De início é importante lembrar que o Evolucionismo não é uma ciência. Trata-se de uma preocupação científica, baseada em postulados e hipóteses, que perde sua razão de ser caso as afirmações se demonstrem falsas e inconsistentes.

Um dos maiores expoentes evolucionistas foi Charles Darwin, embora o primeiro a sugerir tal modelo tenha sido Aleximandro de Mileto (611 a 547 a.C.). Darwin, após ter pesquisado bastante sobre o assunto, publicou suas conclusões, em 1859, no livro intitulado *Origem das Espécies*. Nesse trabalho ele defendia a variação das espécies, devido a micro-mutações; a preservação dos seres mais aptos, através da seleção natural; o uniformismo dos seres e estratos, vinculado a longas eras; e a origem casual da Terra e seres.

Pretendemos analisar, neste artigo, ainda que de maneira sucinta, cada um desses itens. Assim, será evidenciada, mais uma vez, a falácia do pensamento evolucionista.

Mutações e seleção

Definidas como distúrbios na transmissão de caracteres do organismo, ou simplesmente erros, as mutações, segundo alguns estudiosos, ocorrem em 99% dos casos. Levando-se em conta o verdadeiro sentido da evolução dos seres, tal fenômeno não lhe serve como argumento favorável, em virtude de seu caráter degenerativo.

Além disso, ainda existem perguntas que não foram ainda respondidas pelos evolucionistas, dentro deste contexto. Por exemplo, como poderiam órgãos complexos como os olhos, ouvidos, coração e outros, desenvolverem-se mediante acúmulo de pe-

quenas modificações? Bem antes de alcançarem o pleno desenvolvimento, se mostrariam inúteis e, por conseguinte, de acordo com a própria seleção natural, não poderiam sobreviver.

O próprio Darwin, em seu livro, confessa: "Parece absurdo ou impossível, eu reconheço, supor que a seleção natural tenha podido formar a visão com todas as disposições que permitem ajustar o foco a diversas distâncias, admitir uma quantidade de luz variável e corrigir as aberrações esféricas e cromáticas."

Outrossim, se para chegarem à sua constituição atual, as glândulas mamárias sofreram modificações lentas, como se explica tenham sobrevivido todo esse tempo, sem utilidade? Se os filhos eram alimentados de outro modo, por que razão teriam surgido e evoluído? Darwin responde: "não sei."

É claro que existem exemplos de seleção natural. Normalmente não encontramos pingüins no Brasil. O clima frio seleciona tais aves. Mas esse fenômeno não possui os poderes que lhe são atribuídos.

Uniformismo dos seres

Ainda em busca de sustentação para suas idéias, Darwin invoca os estratos como prova, afirmando que os solos foram surgindo paulatina e uniformemente junto com os seres, ao longo de eras.

Embora não se possa negar que os fósseis e rochas guardem uma certa seqüência, o registro fóssil abre-se abruptamente, com os seres bem definidos, em distinta continuidade, sem elos entre eles. Ainda hoje é possível observar animais e vegetais vivendo juntos, em arranjos ordenados. Ao nos aproximarmos de uma cadeia de montanhas, antes de iniciarmos a subida, encontramos um ecossistema com animais e vegetais característicos. Subindo mais ainda, notamos que os elementos vão se alteran-

do, tanto os seres como o próprio clima.

Se uma violenta enchente arrastasse essas comunidades teríamos então um arranjo semelhante ao existente nas zonas fósseis.

Nas regiões baixas, encontram-se com mais abundância, os elementos que vivem nos rios, lagos e mares, trilobitas, moluscos, braquiópodos. Há peixes incrustados em duas ou três camadas, datadas com milhões de anos de diferença entre si. Noutras palavras, se a interpretação evolucionista fosse correta, cabeça e cauda teriam vivido milhões de anos de diferença uma da outra.

Em inúmeras vezes os estratos geológicos não se ajustam à ordem convencional.

Origem da Terra

Existem pelo menos três teorias pretensamente explicativas para a origem da Terra e dos demais planetas do nosso Sistema Solar.

Segundo Sir James, há alguns milhões de anos, uma estrela aproximou-se do Sol e sua força de atração fez com que as massas gasosas incandescentes fluíssem para o espaço em direção a ela. Quando a estrela se afastou suficientemente, sua força atrativa ficou reduzida, e a longa esteira solar fragmentou-se, descrevendo órbitas circulares em torno do Sol.

Uma outra teoria sustenta que as estrelas são formadas a partir de elementos chamados protoestrelas, em resultado de condensação de gás interestelar, estando nesse esquema o próprio Sol.

Finalmente, há a conhecida teoria do *Big-Bang*, segundo a qual uma massa infinitamente grande, existente há mais de dez bilhões de anos, explodiu, formando o Sistema Solar.

Ora, é sabido que para cada órbita existe uma velocidade determinada, estando na mesma situação a distância. Para que um objeto esteja em órbita ele deverá ocupar um ponto x , estar a uma distância y , e a uma velocidade z . Seria impossível aos planetas, e seus respectivos, satélites estarem em suas órbitas a partir da fragmentação da dita esteira solar, da condensação de gás interestelar, da explosão de uma massa gigantesca, ou de qualquer outra hipótese casual.

A Bíblia claramente diz que “No princípio criou Deus o Céu e a Terra”. E mais, “os Céus por Sua palavra se fizeram, e pelo sopro de Sua boca o exército deles” (Gên. 1:1; Salmo 33:6 e 9).

Origem dos seres

Uma das teorias evolucionistas para a origem dos seres vivos, defende a idéia de que originou-se, no oceano, uma solução de compostos orgânicos que começaram a reagir entre si, tornando-se cada vez mais complexos, até que se transformaram em estruturas com poder auto-reprodutor, compatíveis com um vírus.

Há, no entanto, uma complicação. Os vírus são parasitas intracelulares obrigatórios. Somente são capazes de se multiplicarem no interior da célula de um hospedeiro. Que células parasitariam, se os vírus foram os primeiros seres vivos? Eis a questão que fica no ar.

Quanto ao ser humano, são vários os argumentos apresentados pelos evolucionistas para negar sua origem divina. Um desses mais famosos argumentos materializou-se no aparecimento do chamado Homem de Java, o *Pithecanthropus Erectus*. Entre os anos de 1891 e 1899, foram encontrados na Ilha de Java um fêmur, o fragmento de um maxilar, uma calota craniana e três dentes molares. Com o achado, os defensores do evolucionismo imaginaram ter em mãos a prova de que o homem era um descendente do macaco, a partir do julgamento que fizeram das características do material.

Desde o início, os cientistas diferiram grandemente a respeito da identificação daqueles ossos. Para alguns, eles eram de homem; outros afirmavam pertencerem a macaco; e ainda outros defendiam que o material procedia de um babuíno. Todavia, um exame efetuado naqueles restos não deixa dúvidas.

Primeiro, o fêmur encontrado é reto e delgado. O fêmur dos macacos é encorpado e curvo, ficando bem patente que se trata do fêmur de um ser humano.

Em segundo lugar, um maxilar humano quando visto de cima, mostra-se oval, alargando-se para trás. Não há espaço entre os dentes incisivos e os caninos. Quase sempre possui queixo. O maxilar do macaco quando visto da mesma posição, é retangular, mostrando acentuado espaço entre os incisivos e caninos, sem queixo. No maxilar encontrado, não é visto espaço entre os dentes incisivos e os caninos, e existe queixo. Por conseguinte, suas características são tipicamente humanas.

Em terceiro lugar, no homem, os múscu-

los do crânio fixam-se ao lado do mesmo. No caso dos macacos, esses músculos encontram-se na linha média. Na calota craniana encontrada em Java, a fixação é lateral, tal como ocorre com os homens. A arcada supra-orbitária é pronunciada, mas não é contínua como nos macacos. Ela diminui e quase desaparece no meio, uma característica também dos humanos.

Finalmente, o quarto ponto. Foram encontrados três dentes. Um deles distava três quilômetros dos demais, possuindo também características de humanos, isto é, longos de um lado a outro. Os dos macacos são mais compridos da frente para trás. Os outros dois são antropóides; conseqüentemente necessitariam de maxilar e músculos grandes para operá-los, evidenciando, assim, que não pertenciam ao maxilar encontrado não sendo também compatíveis com o crânio.

Neanderthal e Cro-Magnon

Perto de Düsseldorf, corre o Rio Düssel por uma garganta chamada a Garganta de Neanderthal. Numa das margens, num paredão calcário, foram achados uns ossos, e nova controvérsia começou a ser travada, agora, sobre o chamado *Homem de Neanderthal*. Esse teria sido o primeiro homem de verdade, no sentido técnico da palavra, a habitar a parte noroeste do Velho Mundo. Posteriormente, diz-se, apareceu o *Homem de Cro-Magnon*, pertencente à mesma espécie que os vários homens de hoje. Belamente formado, tinha o cérebro grande, possuindo as qualificações essenciais para a civilização. Originário da Ásia, durante milhares de anos esse tipo permaneceu como senhor da Europa, criando uma cultura que, tendo-se em vista a época e as oportunidades de que dispunham, foi notável.

Colocamos os dois juntos, propositadamente, pois as avaliações feitas de ambos com suas modernas contrapartes, têm gerado alguma confusão. Não é correto comparar o crânio do moderno europeu com o do achado de Neanderthal. Eles possuem características raciais diferentes. O europeu de hoje, com a testa relativamente reta, e um queixo saliente, sem prognatismo, deve ser comparado com a raça fóssil do Cro-Magnon, possuidora das mesmas características. Ao fazermos isso, verificaremos que os povos de Cro-Magnon eram mais altos e de melhor compleição.

Os crânios fossilizados de Neanderthal

deveriam ser comparados com sua moderna contraparte, aos sertanejos australianos. Nesse caso, verifica-se que o *Homem de Neanderthal*, com a mesma arcada supra-orbitária acentuada e maxilares projetados para frente, tinha uma caixa craniana maior do que os aborígenes australianos vivos.

No local onde foram encontrados os restos de Neanderthal, os escavadores se depauperaram com uma superfície dura, que parecia ser o chão da caverna. Após ultrapassá-lo, a uma profundidade de dois metros e meio, acharam fragmentos de um crânio moderno. Segundo a revista *Harparis*, "os neanderthais não eram tolhidos no desenvolvimento, encurvados, nem brutais, conforme se afirmava. Muitos deles sofriam artrite".

Quando pela primeira vez essas pessoas de baixa estatura, atarracadas, foram descobertas, o Dr. Boule escolheu um crânio e um esqueleto como típicos de todos os cavernícolas de Neanderthal. O fato, no entanto, é que o esqueleto de Chapple-aux-Saints está longe de cumprir tal propósito. Na realidade, ele é a estrutura óssea de um velho doente, curvado pela idade. Seu maxilar está perfurado por alguma doença ulcerosa.

Hoje, está demonstrado que houve exagero nas pretendidas características simiescas dos fósseis. Alguns com reconstruções diferentes para um mesmo achado, como é o caso do *Zinjanthropus*, que é representado por três tipos diferentes baseados nas teorias concebidas pelos autores.

O papel da fé

Como é possível observar, são várias as falhas encontradas na Teoria da Evolução.

Evidentemente, tanto o evolucionismo como o criacionismo exigem fé. Para o criacionismo, "fé é a certeza das coisas que se esperam e a convicção dos fatos que se não vêem" (Heb. 11:1).

Crer em felizes acasos exige mais fé do que acreditar em Deus. Nem por isso é pequeno o número dos que defendem o darwinismo. Evangelizá-los é um desafio para nós.

Por outro lado a juventude de nossa igreja deve ser alicerçada no "assim diz o Senhor", a fim de que não seja levada de roldão pela dúvida. Proclamemos, pois, com sabedoria, vigor e entusiasmo a mensagem apocalíptica: "Temei a Deus e dai-Lhe glória ... E adorai Aquele que fez o Céu, a Terra e o mar, e as fontes das águas." (Apoc. 14:7).

Educação envenenada

ELIZEU C. LIRA

Redator na Casa Publicadora Brasileira

O centro de atenção, o alvo principal de todos os sistemas – sejam eles de ordem filosófica, religiosa, educacional ou política – são as crianças e os jovens. A razão para isso é que eles são mais abertos a novas mensagens, novas idéias; são mais influenciáveis e plasmáveis.

Lênin, um dos maiores artífices do moribundo comunismo, afirmou: “Dêem-me quatro anos para ensinar às crianças, e as sementes que eu plantar jamais serão extirpadas”. Essa é a grande razão porque as crianças e os jovens são tão visados pela propaganda política dos regimes, pelos ideólogos dos partidos, pelos fabricantes e pelos publicitários.

O nazismo encontrou sua força nas crianças e nos jovens; teve participação decisiva no que ficou conhecido como “juventude nazista”. Por sua vez, o comunismo, com sua pregação materialista, encontrou a sua força nos jovens que eram doutrinados compulsoriamente nas escolas, desde o maternal. Não é à toa que um grande compositor de música popular conta que ouviu no aeroporto de Moscou, um garotinho de quatro anos, ou pouco mais, perguntar para a mãe: “Mãe, será que Deus sabe que nós não acreditamos nEle?”

Novo centro polarizador

O Movimento Nova Era desponta com propostas fantásticas, atrativos inúmeros e gastos fabulosos, voltados exclusivamente para o “fazer a cabeça” das crianças e dos jovens e arrebanhá-los para suas fileiras. Neste artigo, pretendemos analisar alguns aspectos dessa incursão do MNE no campo educacional. Alguns talvez ficarão surpresos ao perceberem que a questão vai muito além daquilo que têm ouvido falar, ou têm imaginado.

Na verdade, temos que nos tornar conscientes de que se trata de uma verdadeira guerra ideológica, com pesados bombardeios diários através da mídia: filmes, desenhos animados, novelas, jornais, livros e revistas, portadores da ideologia, dos valores e

propostas da Nova Era. As escolas fazem parte deste campo de combate; aliás, elas compõem o principal ponto estratégico a ser alcançado pelos disseminadores do pensamento do Movimento Nova Era.

Ao ser premiado por um ensaio intitulado *Uma Religião Para Uma Nova Era*, John Dunphy declarou: “Estou convencido de que a batalha pelo futuro da humanidade deve ser desfechada e ganha nas salas de aula ... por professores que percebam devidamente o seu papel como proselitistas de uma nova fé: uma religião da humanidade que reconheça e respeite a fagulha daquilo que os teólogos chamam de divindade, em cada ser humano.”

Proselitismo

A atuação dos propagandistas do movimento comprova que as palavras de Dunphy fizeram eco. Em seu livro *Compreendendo a Nova Era*, o jornalista Russel Chandler menciona: “O distribuidor de livros para crianças, Tim Campbell, da *Book People* de Austin, Texas, nos Estados Unidos, diz que faz esforços ingentes para encontrar os livros da Nova Era, os quais dizem que os garotos podem assumir o controle de sua própria vida.

“As crianças que fazem parte do sistema escolar da cidade de Los Angeles têm sido ensinadas a imaginar que elas estão unidas aos raios do sol. Ao assim fazerem, conforme são ensinadas, elas fazem parte de Deus, formam uma unidade com Ele.” Isso se chama “princípio monista”. Faz parte do conceito pantefsta, que é uma das colunas doutrinárias da Nova Era.

A principal arquiteta da educação confluenta, a falecida Beverly Galyean, descreveu o seu método como uma abordagem holística, que usa o raciocínio, os cinco sentidos, os sentimentos e a intuição. Em uma entrevista com a pesquisadora de religiões, Francis Adeney, em 1980, Galyean sumarizou suas crenças da seguinte forma: “Uma vez que começemos a perceber que todos somos Deus, que temos todos

os atributos de Deus, então penso que o propósito inteiro da vida humana é recuperar a semelhança de Deus que existe dentro de nós: o perfeito amor, a perfeita sabedoria, a perfeita compreensão, a perfeita inteligência; e, quando fazemos isso, criamos de volta aquela antiga e essencial unidade que é a consciência.”

Analisando atentamente a afirmação acima, concluiremos que um conteúdo falso e diabólico está envolto numa roupagem enganosamente bela. Ao falar de “recuperar a semelhança de Deus”, a declaração até parece confundir-se com a de uma outra educadora, Ellen White, que afirma: “Restaurar no homem a imagem de seu Autor, levá-lo de novo à perfeição em que fora criado, promover o desenvolvimento do corpo, espírito e alma, para que se pudesse realizar o propósito divino da sua criação – tal deveria ser a obra da redenção. Este é o objetivo da educação, o grande objetivo da vida.” – *Educação*, pág. 16.

Por conseguinte, qual ou quais seriam as diferenças entre essas duas abordagens? Quais as implicações decorrentes dos métodos educacionais da Nova Era, e da Bíblia?

O modelo educacional da Nova Era, como de resto toda a sua filosofia, leva o ser humano a voltar-se para si mesmo; a olhar para si mesmo; a buscar dentro de si mesmo as respostas, soluções, a capacidade e o poder para resolver seus problemas. Seu lema parece ser “Tudo posso no homem! Tudo posso nas forças latentes na mente humana”. Deus é rebaixado, caricaturado, e o homem é endeusado.

Em contraste, o modelo bíblico educacional leva o homem para Deus. “Desde que Deus é a fonte de todo o verdadeiro conhecimento, é, como temos visto, o principal objetivo da educação dirigir a mente à revelação que Ele faz de Si próprio.” – *Idem, idem*. Isso significa olhar para Deus e voltar-se para Ele, buscar nEle as soluções, a capacidade e o poder para resolver nossos problemas. “Tudo posso nAquele que me fortalece” (Fil. 4:13).

Deus é, assim, colocado no Seu devido plano e o homem é levado a buscar a verdadeira semelhança (que possuía e perdeu) com Ele. “Mais elevado do que o sumo pensamento humano pode atingir, é o ideal de Deus para com Seus filhos. A santidade, ou seja, a semelhança com Deus, é o alvo a ser atingido.” – *Idem*, pág. 18.

Ellen White foi a primeira pessoa a prever e advertir sobre os perigos da Nova Era. Em seus dias, ela disse que “futuramente, a

verdade será falsificada pelos preceitos dos homens. Teorias enganosas serão acrescentadas como doutrinas certas. A falsa ciência é um dos instrumentos que Satanás empregou nas cortes celestes, e é por ele usada hoje” – *Evangelismo*, pág. 600.

É justamente isso que está ocorrendo diante dos nossos olhos. A implantação do projeto educacional do Movimento Nova Era tem avançado de forma célere. Segundo Marco André, em seu livro *Compreendendo a Nova Era*, págs. 193 a 196, antes de morrer, Galyean desenvolveu três programas educacionais financiados pelo governo federal, para as escolas públicas de Los Angeles. Tais programas tinham a ver com o uso da fantasia orientada e da meditação transcendental.

Conclusão

Após diagnosticarmos o problema, cremos que deveríamos, também, tentar descobrir quais são os remédios a serem prescritos e aplicados. Em outras palavras, como conter essa avalanche de ensinamentos, idéias e práticas da Nova Era, que está penetrando nas escolas e seduzindo as crianças e jovens?

Em primeiro lugar, há um pensamento segundo o qual “a alma de toda cultura é a cultura da alma”. E Ellen White, em seu livro *Educação*, pág. 126, afirma que “este é o mais elevado estudo em que é possível ao homem ocupar-se. Como nenhum outro estudo, avivará a mente e enobrecerá a alma. ... A energia criadora que trouxe à existência os mundos, está na palavra de Deus. Esta Palavra comunica poder, gera vida”. A orientação divina é clara: “Ensina a criança no caminho em que deve andar, e ainda quando for velho não se desviará dele” (Prov. 22:6).

Em segundo lugar, temos que repensar os nossos métodos educacionais, fazendo uma reciclagem constante. Devemos desenvolver e estimular novas técnicas que despertem e valorizem a criatividade nos alunos de nossas escolas.

Ellen White, ainda no livro *Educação*, pág. 17, assegura que “cada ser humano criado à imagem de Deus, é dotado de certa faculdade própria do Criador – a individualidade – faculdade esta de pensar e agir. ... É objetivo da verdadeira educação desenvolver essa faculdade, adestrar os jovens para que sejam pensantes e não meros refletores do pensamento de outrem”.

A esposa do pastor e o Ministério da Mulher

VASTI S. VIANA

Coordenadora da AFAM e do Ministério da Mulher,
na Divisão Sul-Americana

O que é o Ministério da Mulher? Como funciona? Qual o papel da esposa do pastor distrital nesse novo segmento da Igreja? Muitas dentre as associadas da AFAM fazem, com freqüência, essas perguntas. Através deste artigo, pretendemos esclarecer alguns pontos. De início, externamos nossa disposição também para ouvir sugestões, ressalvas e opiniões.

O Ministério da Mulher tem uma história, uma origem, e aos poucos está sendo implantado ao redor do mundo. Como todo trabalho pioneiro, enfrenta algumas dificuldades e, às vezes, alguma resistência. No entanto, quando as pessoas são informadas a respeito dos seus planos e objetivos, ficam entusiasmadas, incentivam e participam do projeto, com alegria.

Desde os tempos bíblicos, várias mulheres se destacaram na área da política, no ministério profético e como sábias mães em Israel. Ao pesquisarmos a história denominacional adventista, encontramos que no período da restauração das verdades que haviam sido lançadas por terra, as mulheres tiveram destacada atuação juntamente com os homens. De modo especial, no processo de formação da Igreja. Essas dedicadas mulheres cumpriram seus objetivos, de maneira eficaz.

Atualmente, sentimos a necessidade de despertar o valioso segmento feminino da Igreja, tendo em vista a busca de melhor preparo espiritual interior e a conscientização do seu valor individual, como pessoa. No âmbito geral, notamos que circunstâncias de cultura, preconceitos, desinforma-

ção, e tabus, têm cerceado, em vários aspectos, muitos anseios plenamente justos e próprios das mulheres. Em vista disso, muitas dentre elas não se sentem motivadas a galgarem degraus mais elevados em suas realizações pessoais, e até em sua espiritualidade. Felizmente, esse quadro tende a melhorar, e já podemos observar um começo de reversão nessa atitude feminina.

Comunhão e ação

O Ministério da Mulher foi estabelecido na Igreja, primeiramente para incentivar de maneira crescente o gosto pela leitura da Palavra, com meditação e oração, tanto a sós como ao lado das companheiras de um grupo específico de trabalho escolhido, dentro da estrutura do Ministério da Mulher. As conseqüências aparecerão, sem demora. Ela crescerá em espiritualidade, será despertada para suas habilidades adornadas e seus dons espirituais.

À medida que o Senhor vai conquistando e entronizando-Se no coração, Sua presença traz inúmeras bênçãos. A maior de todas é a bênção de conhecê-Lo melhor, amá-Lo mais e ver o próprio caráter tornar-se cada dia, mais semelhante ao dEle. Tal experiência leva a pessoa a sentir necessidade de extrair em seu viver tudo o que tem aprendido do Senhor. Isso clama por unidade de propósito, ajuda mútua e ação missionária, por parte das componentes dos vários grupos de trabalho.

Nenhum grupo deveria apressar-se em sair a trabalhar sem, primeiro, sentar-se aos

pés de Jesus e dEle receber a inspiração, o poder e a transformação do coração.

As coordenadoras regionais e locais são orientadas no sentido de que enfatizem a importância da oração e do estudo de pequenas porções da Bíblia, para iniciar cada reunião do seu grupo. Com o passar do tempo, outros livros, denominacionais ou não, e apostilas pertinentes aos objetivos do grupo devem ser analisados, visando a enriquecer o conhecimento sobre o trabalho a ser empreendido.

Como funciona

A coordenadora geral é nomeada para o cargo pela Comissão da igreja, tal como acontece com outros oficiais. Devidamente empossada, ela escolhe uma assistente e uma secretária, cujos nomes deverão ser também analisados pela mesma Comissão.

Posteriormente, convocam uma reunião de planejamento, para a qual as mulheres devem ser convidadas, não faltando a esposa do pastor local, que atuará como conselheira. Desse grupo sairão as coordenadoras dos grupos de trabalho. Nessa reunião, devem ser discutidas as maneiras através das quais o Ministério da Mulher será divulgado, e que estratégias serão utilizadas para incentivar e conseguir a participação das irmãs.

Sem dúvida, uma reunião tal poderá ser mais abrangente se a coordenadora da igreja principal convidar as demais interessadas de todo distrito. Sugerimos que seja feito um convite especial à coordenadora do Campo, que poderá fazer uma palestra inspiradora, fornecer informações e mate-

riais alusivos. As representantes das várias congregações do distrito devem ser favorecidas com uma boa recepção.

São sete os grupos de trabalho. Se por alguma razão não for possível o funcionamento de todos eles, não há nenhum problema. Importa que os que forem implantados funcionem de fato. Cada irmã deve ter a liberdade de inscrever-se no grupo cuja atividade mais aprecia.

Envolvimento

O Ministério da Mulher é uma atividade antiga com nova organização, para atender melhor às demandas atuais. Não veio para ocupar espaços já ocupados por outros departamentos da Igreja. O alvo é preparar espiritualmente as mulheres e conscientizá-las do que Deus espera de cada uma delas. Assim, muitas irmãs que hoje estão apenas sentadas ouvindo, desenvolverão suas habilidades e dons espirituais, indo em socorro de outras pessoas que estão ocupadas e até sobrecarregadas nos diversos trabalhos da igreja.

Haverá benefícios para todos. Ademais, as atividades missionárias serão melhor atendidas e mais pessoas serão abordadas com as novas da salvação.

Seu papel, cara esposa de pastor, é o de incentivadora e conselheira. A coordenadora é a executiva. Procure assessorá-la com materiais, conselhos e idéias para que ela se sinta apoiada e segura.

É um privilégio preparar pessoas para buscarem outras, e, finalmente, estarmos todas ao redor de Cristo, quando Ele voltar. Não privemos nossas irmãs desse inaudito benefício.



Vasti Souza Viana

AFAM tem nova coordenadora

A Professora Vasti Souza Viana é a nova coordenadora da Área Feminina da Associação Ministerial, AFAM, e pelo Ministério da Mulher, na Divisão Sul-Americana. Ela chega com a experiência de muitos anos como esposa de pastor, e professora em várias instituições educacionais adventistas.

Nos últimos anos, esteve dedicada à preparação de materiais educativos, exercendo seu ministério ao lado do esposo, o Pastor José Mascarenhas Viana, na Associação Bahia.

A vinda da Professora Vasti para a DSA, preenche a lacuna deixada pela irmã Suzana Schulz, que, juntamente com o esposo, Dr. Luiz Schulz, agora dedica seus talentos à Universidade Adventista del Plata, na Argentina. Durante o pouco tempo em que esteve à frente da AFAM e do Ministério da Mulher, a irmã Suzana conseguiu, com eficiência e dedicação, orientar e dinamizar esses setores, nas Uniãos e nos Campos.

Ao mesmo tempo em que estendemos calorosas boas-vindas à Professora Vasti, rogamos ferventemente a Deus que abençoe a continuidade do ministério da irmã Suzana, na UAP.

PASTOR

Aproveite o máximo de seu tempo

JAMES A. CRESS

Secretário ministerial da Associação
Geral da IASD

O mesmo mandamento que nos ensina a guardar o sábado como dia sagrado, também ordena que trabalhemos nos outros seis dias. Se Deus está tão interessado no uso que fazemos do santo sábado, também deseja que utilizemos mais efetivamente o restante da semana.

Muito embora a ética cristã enfatize fortemente a santidade do tempo, muitos pastores falham em organizar o tempo disponível, e, conseqüentemente, não alcançam a máxima produtividade. Se você é daqueles que se dizem sempre "muito ocupados", as seguintes sugestões podem ajudá-lo:

Organize hoje, o amanhã

Antes de dormir, invista uns poucos minutos em planejar. Relacione cada coisa que você espera fazer amanhã. Dê prioridade ao que é realmente importante e atribua a cada tarefa um relativo grau de importância. No dia seguinte, dedique-se, primeiramente, ao item prioritário número um até que ele esteja totalmente resolvido. Somente então, passe ao próximo item. Não é importante que você resolva cada coisa da sua lista, mas que conclua a tarefa mais importante.

Tenha uma agenda

Registre seus afazeres diários em uma agenda que lhe esteja sempre à mão. Escreva lembretes, números de telefones, endereços, apontamentos, recados e datas nessa agenda, e não em pedaços de papel. Se a informação é suficientemente importante para

ser anotada, deve ser também preservada em lugar fácil de ser encontrada posteriormente.

Calcule seu tempo

Elabore uma lista do que você faz durante três semanas, em cada segmento de 15 minutos. Ficará surpreso com dois fatos: primeiro, ao ver o tempo esbanjado; e, segundo, constatar o quanto pode realizar em períodos curtos. Lembre-se de que nenhum dia é típico para um pastor. Assim, não espere que sua relação reflita qualquer dia típico. Ao contrário, reconheça o desafio de fazer o mais efetivo uso do tempo atípico.

Planeje seu tempo

Estabeleça um plano de trabalho para a semana, no qual você divide cada dia em três partes – manhã, tarde e noite. Não esqueça de reservar algum tempo para a família e deveres pessoais. Então planeje o que pretende fazer com o restante de tempo disponível. Naturalmente surgirão emergências, mas se você falha em planejar, o plano falhará. Um planejamento assim ajudará na administração do tempo gasto em chamadas telefônicas e cartas.

Domine o telefone

Não permita que outras pessoas determinem o seu dia. É possível que elas direcionem totalmente o seu tempo, sempre que você responda a suas chamadas telefônicas. Ao permitir que elas estabeleçam a sua agenda de trabalho, você está reagindo, em lugar

de agir. Se possível, consiga uma maneira de selecionar as ligações. Assim você poderá responder àquelas que realmente necessitam de uma resposta, a um só tempo, em vez de responder a cada uma delas, no momento em que o interlocutor “determina” que o faça.

Reserve um dia para correspondências

Você pode escolher agir intencionalmente; e não reagir casualmente, em relação ao volume de cartas que recebe. Nada existe que o obrigue a ir ao correio todos os dias. Determine um dia na semana quando você abrirá todas as cartas acumuladas. Tente eliminar cada trecho dispensável, enquanto as lê. Se está sendo solicitado algum relatório, providencie-o já, enquanto o assunto está “quente”. Você agirá mais rapidamente agora, do que se deixar para responder depois uma carta “fria”. Nunca datilografe uma resposta formal, se um manuscrito à margem ou ao pé da página da mesma carta for suficiente.

Aprenda a descartar

Se ainda não pode jogar fora todos os papéis, tente seguir estes quatro passos: 1) responda o que for possível, imediatamente após a leitura das cartas. 2) Coloque tudo o que não for preciso tratar imediatamente dentro de uma caixa, e guarde-a em seu escritório. Os papéis estarão sempre ali, quando necessitar deles. Quando a caixa estiver cheia, utilize uma nova caixa, e jogue fora a primeira assim que começar a encher uma terceira. Se não foi necessário utilizar nenhum item daquela caixa até agora, seguramente jamais o fará. 3) Recorte e arquive assuntos interessantes, idéias criativas que possam ser utilizadas posteriormente no preparo de sermões. 4) Descarte, mesmo, tudo o que for possível. Em alguns casos, nem precisa guardar informações cuja manutenção seja também responsabilidade de outros líderes. Você poderá obtê-las com eles, quando necessitar.

Tente fazer duas coisas simultaneamente

Ouçã fita cassete enquanto dirige. Memorize as Escrituras, durante o período em que se exercita fisicamente. Leia quando estiver viajando de ônibus, trem ou avião. Organize e selecione as coisas colocadas sobre sua mesa, enquanto fala ao telefone.

Rascunhe esboços ou planos, enquanto aguarda o início de alguma reunião.

Seja pontual

Se você esperar até que todos os membros de uma comissão estejam presentes, para só então iniciá-la, eles vão se atrasar também da próxima vez. Comece as reuniões, no tempo marcado. Inclua um assunto de destaque logo no início. Assim, estará educando os membros a serem pontuais. Faça o possível para começar e terminar tudo pontualmente. Muito embora o estabelecimento de um consenso seja um objetivo útil, limite o tempo em que cada pessoa deva falar sobre um assunto em discussão. Longas observações raramente acrescentam informações úteis. Ao contrário, desperdiçam o tempo. Uma vez que os pontos principais tenham sido considerados, pergunte se alguém mais deseja acrescentar algo novo. Finalmente, conduza à tomada de uma decisão.

Roube minutos

Algumas vezes você está à mercê de algum retardatário, esperando a concretização de um encontro marcado. Tenha sempre à mão, um livro. Você ficará admirado de quão rápido pode ler um capítulo. Muitos salmos e capítulos da Bíblia podem ser lidos em poucos minutos. Não desperdice esses momentos.

Esbanye algum tempo

Planeje dar a si mesmo algum tempo de folga. Na verdade, isso não é desperdiçar tempo. Sua mente torna-se mais criativa quando você lhe permite vaguear e “voar” um pouco. Suas melhores idéias surgirão quando estiver relaxado, sem que algo o esteja empurrando para cumprir uma lista do que fazer. Frequentes períodos de folga são essenciais para uma ótima performance.

Estabeleça expectativas razoáveis

Você jamais conseguirá realizar tudo o que imagina fazer. Portanto, não fique frustrado quando falhar. Também não se lamenta por realizar menos, em relação à qualidade de tempo dedicado a Deus e à família. Na realidade, o tempo empregado com Jesus, e com a esposa, tornará mais produtivo o restante do seu tempo.



Pastor Joel Sarli e esposa.

Brasileiro assume cargo na Associação Geral

Desde o dia 1º de fevereiro deste ano, o Pastor Joel Sarli é o novo secretário ministerial associado da Associação Geral. Ele ocupa a vaga deixada pelo Pastor Carlos Aeschlimann, jubilado desde janeiro.

Nascido em Jaú, SP, o Pastor Joel formou-se na Faculdade de Teologia do IAE, em 1962. Integrou o primeiro Quarteto *Arautos do Rei* brasileiro, sendo, posteriormente, secretário ministerial da Associação Paranaense, União Sul-Brasileira; e associado da mesma função na Divisão Sul-Americana.

Enviado para a Universidade de Andrews, cursou Mestrado em Divindade e Doutorado em Ministério. Em seguida, assumiu a direção do Departamento de Teologia Aplicada da Faculdade de Teologia do IAE, e, em 1980, a direção do SALT. Nesse período foi estabelecido e começou a funcionar o programa de Mestrado em Teologia no Brasil.

Em 1984, o Pastor Joel Sarli aceitou o chamado para pastorear a igreja de fala portuguesa, em Toronto, no Canadá. Quatro anos depois, assumiu o pastorado da igreja brasileira em Nova Iorque, e, em 1990, a igreja brasileira da área metropolitana de Washington.

Sua responsabilidade, na Associação Geral, envolve o trabalho com os Seminários e o cuidado dos aspirantes ao ministério.

O Pastor Sarli é casado com a irmã Margarida Sarli. O casal possui duas filhas – Deise, que vive em Toronto, e Giselle, residente em Tucson, no Arizona –; e um filho, Leonardo, estudante de Arquitetura na Universidade Andrews.

Expectativas de um pastor aspirante

BRIAN W. DUDAR
Pastor assistente da igreja de Pasadena,
Califórnia, EUA



É interessante comparar expectativas com realidades. O que nós esperamos e o que recebemos das pessoas é, com freqüência, muito diferente. E os pastores não são imunes ao desapontamento em relação às expectativas que nutrem em seu relacionamento com as pessoas. Na realidade, eles provavelmente sofrem muito mais que outros indivíduos, ao tratarem com seus colegas.

Por que isso acontece? Por que deveria uma pastor falhar em corresponder à expect-

tativa do outro? Afinal, eles servem ao mesmo Senhor e trabalham para a mesma Igreja. Não deveriam, porventura, ter aspirações iguais? Não raro, pastores que trabalham juntos enfrentam essa intrigante questão. Aspirantes e seus supervisores muitas vezes caem nesta armadilha e experimentam grande frustração. E como poderia ser diferente? Sem compreender o que esperar um do outro, eles têm pouca esperança de sobreviver e prosperar juntos.

Ao ponderar sobre minhas expectativas a respeito do meu supervisor, a primeira coisa que me vem à mente é a imagem de um conselheiro. De início, devo dizer que não estou sugerindo que ele tenha que ser um “velho sábio”, alguém de cuja força e guia eu possa depender à medida que cresço e aprendo. É essencial que ele possua um senso de auto-revelação honesta. Necessita partilhar lições aprendidas da experiência pessoal, quer sejam vitórias ou derrotas.

Eu preciso ver sua vida além do púlpito, além do confinamento da igreja e suas funções.

Eu espero encontrar sempre um amigo em meu conselheiro. Pastores que trabalham juntos necessitam de apoio e encorajamento mútuos. Competência também é importante, a fim de que eu saiba que posso contar com sua experiente orientação. Além disso, ele deve estar pronto a inspirar meu crescimento, desafiando minha criatividade, fazendo-me sair do *status quo*, do lugar comum.

Dividindo responsabilidades

Dentro desse relacionamento de trabalho, no ministério da igreja, estarei sempre pronto para ser desafiado por meu conselheiro, e sentir sua confiança em mim, ao designar-me tarefas de responsabilidade. Não ao ponto de que eu seja esmagado pelo peso de todo o trabalho; nem ínfimas e raras o suficiente para que eu me sinta constrangido. Mas na medida exata, para que eu esteja sempre buscando a excelência.

Como deveriam ser divididas as responsabilidades da igreja? Isso requer diálogo, de modo que os deveres unam talentos e interesses, ao mesmo tempo em que provêem desafios que estimulam ao crescimento. Os supervisores não deveriam

designar aos aspirantes, tarefas das quais eles mesmos não gostam. Por exemplo, eu não sou um criado pessoal, contratado para limpar os pratos, cortar a grama ou lavar o carro. Essas não são tarefas que ajudam meu crescimento pastoral.

Necessito de tarefas que possibilitem

uma gama de oportunidades para dar uma contribuição positiva à vida da igreja. Necessito de que meu supervisor partilhe a missão da Igreja comigo. Quero aprender como gerir e administrar os negócios da igreja, sem ser um apaixonado pelo trabalho burocrático.

O aspirante
ao ministério
espera
receber inspiração,
e ter desafiada
sua criatividade,
por parte do pastor
conselheiro.

O verdadeiro ministério tem lugar somente quando eu estou envolvido pessoalmente com o povo a quem eu posso ajudar.

Franqueza e liberdade

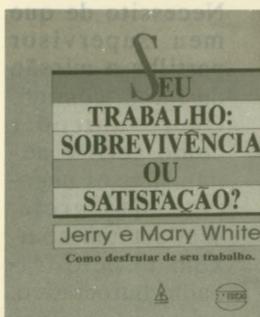
Depois que os deveres pastorais sejam divididos, estou pronto a ser avaliado regularmente. Essa avaliação deve ser feita num clima de franqueza. Não deve ser pintado um quadro róseo que ignore minhas áreas de dificuldades. Mas também não deve ser realizada num ambiente brutal, destruidor de minha identidade ou me desencorajando. A avaliação vinda de um bom conselheiro chama a atenção, inspira, corrige as faltas e aguça as habilidades.

Mais importante, necessito de liberdade para ser a pessoa que Deus criou e planejou que eu fosse. Ele me deu talentos que são meus, unicamente. Meu conselheiro não deve tentar duplicar-se dentro de mim. Portanto, preciso ter liberdade para discordar, mostrar opções, e ter idéias diferentes. Um supervisor deve alimentar a liberdade e a individualidade, lembrando que grande parte do meu apoio a ele será o reflexo de como ele me apóia.

Finalmente, necessito ver a Jesus no trato que meu conselheiro dispensa aos membros da igreja, aos líderes do Campo e a mim mesmo.

BIBLIOTECA DO PASTOR

SEU TRABALHO: SOBREVIVÊNCIA OU SATISFAÇÃO?



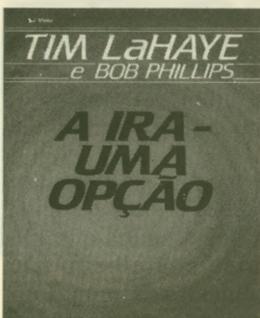
Jerry e Mary White, *JUERP, Rio de Janeiro, RJ*; 246 páginas.

Este livro focaliza algumas questões básicas (e críticas) que os cristãos enfrentam em seu trabalho, tais como: "Circunstâncias adversas –

como lidar com elas?" "Propósito no trabalho e na vida – que significa isso?" "Uso do tempo – como você maneja o seu horário?" "Ambição – você deve tentar progredir?"

Seu Trabalho: Sobrevivência ou Satisfação? não consiste apenas de uma abordagem teórica sobre o trabalho. Trata, isto sim, de um exame extremamente prático de algumas questões que nos afligem a cada dia.

A IRA – UMA OPÇÃO



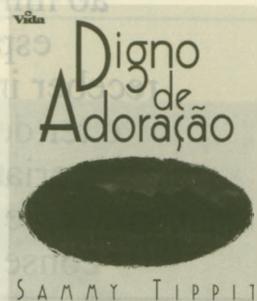
Tim LaHaye e Bob Phillips, *Editora Vida, São Paulo*; 224 páginas.

Tim LaHaye e Bob Phillips, escritores de renome, dizem-nos o que precisamos saber a fim de controlar a emoção da ira. Não somente a examinam

desde sua origem, até seus efeitos, mas também nos ajudam a avaliar nosso próprio "quociente de irritabilidade", usando o Inventário da Ira e outros exercícios encontrados por todo o livro.

Ao aprender a lidar com os conflitos e com a ira, capacitamo-nos a curar relacionamentos prejudicados, ajudar outros a lidar com sua ira e tornar nossa vida mais calma, recompensadora e significativa.

DIGNO DE ADORAÇÃO



Sammy Tippit, *Editora Vida, São Paulo*; 155 páginas.

"A verdadeira adoração não se origina da necessidade do homem, mas da dignidade de Deus. Há somente um que se destaca na História como digno da

nossa adoração. Seu nome é Jesus."

Conforme acentua Sammy Tippit, o elemento mais importante da adoração não é a forma, mas a essência, e esta é Jesus. A adoração essencial no andar frutífero com o Senhor deve estar arraigada em quem Jesus é.

Este livro analisa aspectos diversos da verdadeira adoração. Ele oferece ajuda e encorajamento práticos, tanto aos que buscam um reavivamento pessoal, quando aos que desejam realmente saber o que significa adorar em espírito e em verdade.

O DEUS DE TODA CONSOLAÇÃO



Hannah Whitall Smith, *Editora Vida, São Paulo*; 221 páginas.

"O Deus de Toda Consolação" revela o segredo da vida abundante e da vitória sobre a derrota, traz alegria genuína e duradoura à vida, mostra

que todas as coisas que Cristo prometeu estão hoje à disposição dos crentes e põe ao alcance de todos aquela paz profunda e permanente, e aquela consolação de alma que nada na Terra pode perturbar.